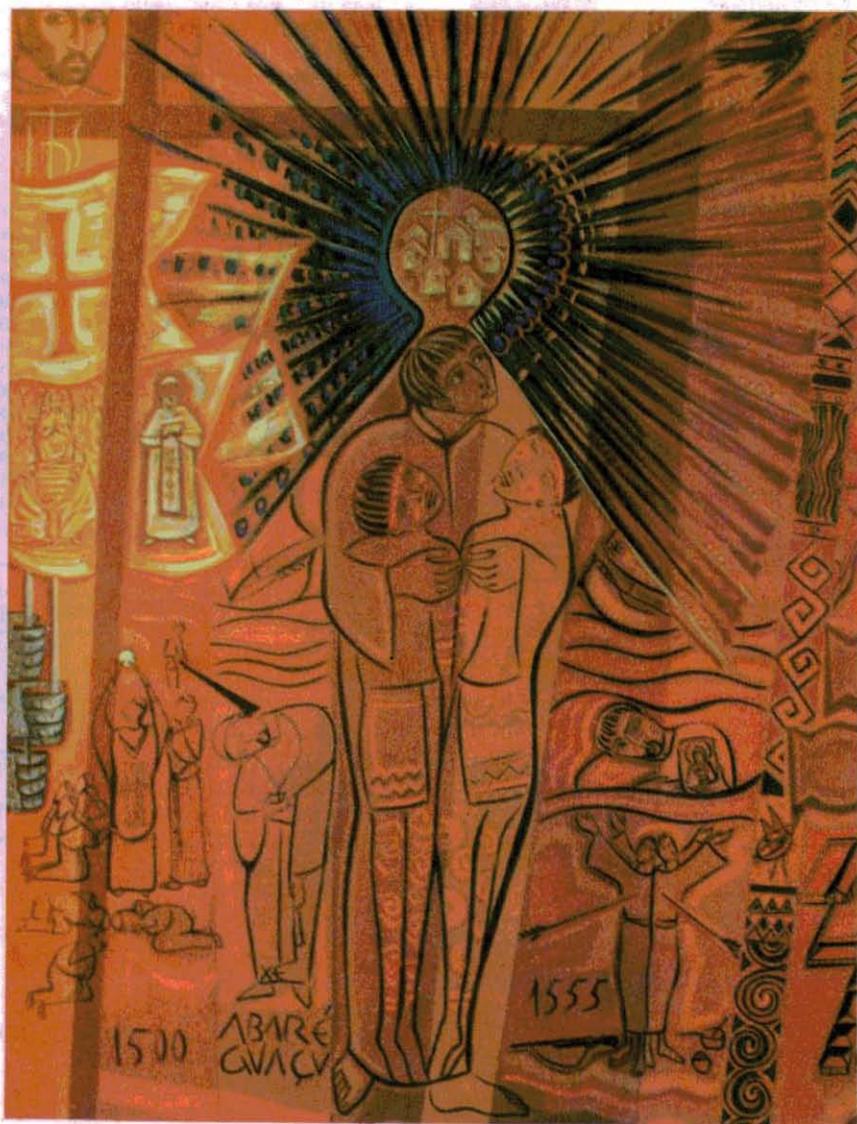


convergência

DEZ — 1991 — ANO XXVI — Nº 248



- **ÀS RELIGIOSAS DO BRASIL**

João Paulo II — página 579

- **SERVIÇO DO POBRE E ESPIRITUALIDADE**

Albert Nolan, OP — página 628

CONVERGÊNCIA

Revista da
Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:
Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:
Pe. Atico Fassini, MS
Pe. Cleto Caliman, SDB
Ir. Delir Brunelli, CF
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO - RJ.

Assinaturas para 1991

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea.....	Cr\$ 4.600,00
Exterior: marítima.....	US\$ 38,00
aérea.....	US\$ 48,00
Número avulso.....	Cr\$ 460,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivre S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petróbrás, RJ.

Nossa Capa

Detalhe do mural de Claudio Pastro '500 Anos de Evangelização do Brasil', em Vila Kostka, Itaici, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón F. de la Cigoña em seu livro 'Arte em Itaici': "No século XVI a figura-destaque é a do Pe. José de Anchieta (chega ao Brasil em 1553 e morre em 1597), abraçando, fraternalmente, a dois índios: Tibiriçá e Caiubí, batizados pelos primeiros jesuítas. A Evangelização autêntica acolhe o diverso. Anchieta abraça os dois índios como abraçando todo o Brasil. A glorificação de Anchieta, simbolizada pelo cocar indígena e um aldeamento (fundação de São Paulo), é a causa do índio. Três belos pássaros "guarás" são lembrados, pois a tradição diz que eles, com suas asas, faziam sombra ao grande missionário, quan-

do este caminhava pelas praias sob um sol escaldante. Embaixo aparece a Primeira Missa no Brasil com os franciscanos à sombra da grande cruz. Aliás, a Cruz é outro símbolo fundamental retomado pelo artista diversas vezes. Não esqueçamos que o Brasil é a "Terra de Santa Cruz". Perto aparece a figura do primeiro bispo do Brasil (diocese de Salvador) dom Pero Fernandes Sardinha, o "Xe Abaré Guaçu", que, em tupi, quer dizer "eu pai grande", isto é, bispo. O seu mandato foi muito curto. Pedido pelo Pe. Nóbrega ao Rei dom João III de Portugal, logo implicou com os métodos catequéticos dos jesuítas por serem muito adaptados à realidade concreta do índio. Ele achava que a catequese tinha de ser mais "européia". Quando voltava para Portugal sua nave naufragou e chegando à praia os índios o mataram com uma foice francesa e, depois, o devoraram. Na data de 1555 surgem os primeiros mártires do Brasil, dois irmãos jesuítas, Pero Corrêa, grande senhor e antigo escravagista de índios (convertido depois de ouvir um dos sermões do pobre Leonardo Nunes) e João de Souza, cozinheiro, que foram flechados. Acima aparece o martírio do Beato Inácio de Azevedo, segurando seu quadro da Virgem Maria, quando foi afogado no mar com mais 39 companheiros jesuítas em 1570, pelos huguenotes (calvinistas)".

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	577
ÀS RELIGIOSAS DO BRASIL	
João Paulo II	579
INFORME DA CRB	584
UM ENSAIO DE PRESENÇA SOLIDÁRIA ENTRE OS SOFREDORES DE RUA	
P. Arlindo Pereira Dias, SVD.....	597
MOVIMENTOS ECLESIAIS ATUAIS E DESAFIOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO	
Pe. J. B. Libânio, SJ.....	604
REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO NO JUNIORATO	
Lina Boff, smr.....	621
SERVIÇO DO POBRE E ESPIRITUALIDADE	
Albert Nolan, OP.....	628
ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR	
Ir. Yolanda Nascimento, MJC.....	636

EDITORIAL

VIVÊNCIA ECLESIAL

1. Nestes dias a CRB está terminando as suas Assembléias Regionais de 1991. Foram dezoito, ao todo. Reuniram cerca de 2500 a 3000 Religiosos e Religiosas. Em 9 destas Assembléias tivemos reuniões conjuntas com os Bispos. Em alguns Estados, como São Paulo, Minas, Maranhão e Piauí, foram Assembléias simultâneas da CNBB e CRB. O tema foi o mesmo em todos estes momentos fortes de reflexão, avaliação e prospectiva: "**Eclesialidade e Missão**".

Pode-se, portanto, afirmar que tivemos um momento privilegiado de **vivência eclesial**. Foi realmente um primeiro passo em direção à XVIª Assembléia Geral que iremos realizar em São Paulo, no próximo julho de 1992.

2. No instante em que escrevo estas linhas o povo e a Igreja do Brasil estão em plena vigília da **chegada de João Paulo II**, ao Brasil, em sua visita apostólica. É um dado fundamental deste momento de Igreja que estamos vivendo. A Vida Religiosa o recebe com o mesmo calor e esperança sentidos por todo o povo. O Santo Padre vem para nos reconfirmar na fé. Vem para reavivar na Igreja a consciência de sua missão, conforme nos lembra o tema do XII.º Congresso Eucarísti-

co Nacional ("Eucaristia e Missão"). A Vida Religiosa o recebe com especial alegria por que ele vem para **beatificar a querida Madre Paulina**, cuja vida nos convida a retomar nos termos de hoje o caminho da evangélica opção preferencial pelos pobres.

O Papa encontrará um Brasil muito diferente do que ele visitou em 1980. Nesta "década perdida" o povo brasileiro se tornou visivelmente mais empobrecido. A esperança de uma virada, tão característica dos inícios dos anos 80, deu lugar ao desalento e, o que é mais grave do que um mero estado de ânimo, à uma objetiva falta de perspectivas para o povo, as famílias, a juventude, os trabalhadores no campo e nas fábricas, para as crianças brasileiras, enfim, cada vez mais abandonadas. As massas populares, ávidas de vida e esperança, buscam nas religiões de reavivamento uma válvula de escape para seu sofrimento. A religiosidade do povo experimenta uma verdadeira explosão, sendo muitas vezes vítima fácil do imediatismo, da emoção e até da esperteza do "marketing" eletrônico. Politicamente, o país sente um impasse. Os movimentos populares acusam este mesmo impasse e perplexidade.

Tudo isto significa um questionamento para a Igreja Católica e, nela, para nós Religiosos e Religiosas. Nosso Episcopado busca caminhos novos para dar uma resposta evangelizadora mais adequada às mudanças em curso e à demanda religiosa das massas urbanas.

Que Pedro, na força do Espírito, nos ajude a discernir neste panorama tão mudado os caminhos do Senhor. Com o povo brasileiro esperamos que Pedro nos ensine a dizer com toda a força da fé autêntica: "Senhor, só tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus" (Jo 6, 68-69). □

PÉ DE PÁGINA

Pe. Marcos de Lima, SDB

Preparar-se para envelhecer?

Sim. A qualidade que terá a velhice de cada um não é gratuita nem totalmente imprevista. Na velhice se recolhem os frutos daquilo que se aprendeu e se praticou. O prolongamento da vida, que é fato constatado em todo o mundo, nos leva a pensar antecipadamente como viver este prolongamento para Deus em todas as suas possibilidades. Envelhecer é, essencialmente, um exercício de toda a vida.

Conscientizar-se da condição de velho

"O religioso pode viver os anos da ancianidade como uma sorte única para deixar-se penetrar pela experiência pascal de Jesus até desejar morrer para viver com Cristo, em coerência com sua ressurreição e a participação nos seus sofrimentos", *Diretrizes sobre a Formação nos Institutos Religiosos*, 1990, nº 70.

Na perspectiva da ressurreição e da velhice

Na hora da retirada progressiva da ação, que Religiosos e Religiosas percebam mais profundamente em si a experiência que Paulo descreveu assim, num contexto de caminhada para a ressurreição: "Não nos deixamos abater. Embora, em nós, o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia-a-dia. Não olhamos para as coisas que se vêem, mas para as que não se vêem. O que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno" (2 Cor 4, 16-18). Nesta perspectiva, a condição de ancianidade resulta sempre como revelação da vida, a vida do Espírito.

ÀS RELIGIOSAS DO BRASIL

“Seria quase impossível imaginar a vitalidade da Igreja no Brasil sem as comunidades religiosas que tornam presente e visível o evangelho”.

João Paulo II

Roma, Itália

Queridas filhas em Cristo!

Sinto-me imensamente feliz estando novamente convosco, revivendo aqueles encontros que tive a alegria de manter com as religiosas do Brasil por ocasião da minha primeira viagem pastoral a esta querida Nação.

Agradeço à Irmã Ilze Mees, pelas amáveis palavras que acaba de me dirigir, em nome de todas as religiosas do Brasil.

Minhas filhas, é fundamental vosso papel nesta imensa tarefa da nova evangelização, a que Deus nos convoca neste final de milênio. Seria impossível à Igreja cumpri-la devidamente sem a participação generosa de vossa vida consagrada.

Como disse há dois anos a todos os religiosos e religiosas do Brasil,

(Discurso do Papa João Paulo II às Religiosas do Brasil, no dia 18 de outubro de 1991, em Florianópolis, SC.)

“seria quase impossível imaginar a vitalidade da Igreja no Brasil sem essa rede de comunidades religiosas, que tornam presente e visível o Evangelho (...) Agradeço-vos de coração a fidelidade à vossa consagração e missão, a vossa presença eclesial em todas as latitudes deste imenso Brasil. A fecundidade misteriosa de vossas comunidades contemplativas, o testemunho dos que vivem sua inserção entre os mais pobres e a generosa dedicação dos que trabalham em regiões longínquas e isoladas, constituem uma riqueza para a Igreja no Brasil e comprovam sua vitalidade” (Carta aos participantes na XV Assembléia Geral Ordinária da CRB, 11.07.1989).

Este horizonte tão rico e empolgante da missão que Deus vos convoca para realizar na Igreja e no mundo, exige de vós, como condição de sua vitalidade, uma fidelidade incondicional a Cristo e à Igreja. Sobre ela quero falar-vos hoje, de maneira mais especial. Nunca será demais recordar que a identi-

dade e autenticidade da vida religiosa se caracterizam pelo seguimento de Cristo e pela consagração a Ele, mediante a profissão dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência. Com eles se expressa a total dedicação ao Senhor e a identificação com Ele, na sua entrega ao Pai e aos irmãos (Carta Apostólica, 19.06.1990, 16).

Amai, com profundo espírito de fé, esses três vínculos santos. Eles, por assim dizer, definem e qualificam a vossa vida, criam um espaço de absoluta liberdade dentro dos vossos corações, que podem, por eles, acolher o amor de Cristo e viver inteiramente por Ele, para Ele e d'Ele. A religiosa, fiel aos compromissos de sua consagração, experimenta a inefável felicidade de caminhar em companhia de Jesus, de viver de sua palavra, de gozar de sua presença interior, de participar na sua missão salvadora (Cf. Carta Apostólica, 29.06.1990, 16).

Amai, portanto, com toda a alma, o conselho evangélico da castidade. Ele liberta, de modo singular, os vossos corações, para se inflamarem mais e mais na caridade de Deus e dos homens todos. Ele é um meio ímpar para vos dedicardes com ardor ao serviço e às obras de apostolado (Cf. *Perfectae caritatis* n. 12).

Quando o amor de Cristo é assumido com "coração indiviso", em sua plenitude, sem concessões e duplicidades, sem esmorecimentos e compensações, a castidade se revela como uma jubilosa afirmação do amor e não como uma limitação ou uma negação. Ela canaliza e dá novo

vigor à infinita capacidade de amar que Deus colocou no coração humano, levando-o às alturas do ilimitado amor divino. E é deste amor que brota a maternidade espiritual (Cf. Gal 4,19), geradora de vida para a Igreja. O exemplo de Maria Santíssima, a Virgem de Nazaré, será sempre fonte de especial fecundidade espiritual em vossa vida consagrada, e o amparo seguro da entrega feita por amor a Deus.

Amai, da mesma forma, com toda a alma, os conselhos evangélicos da pobreza e da obediência, com o ardente desejo de imitar o exemplo de Cristo, que "por vós se fez pobre, a fim de vos enriquecer por sua pobreza (II Cor 8,9), e que, por amor ao Pai e para a salvação dos homens "humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz (Fil 2,8).

Os conselhos evangélicos, tal como sempre foram entendidos e vividos na Igreja, podem hoje parecer uma verdadeira "loucura" (1 Cor 1,18) a muitos incapazes de perceber a "sabedoria das coisas de Deus" (Cf. Mt 16,23). São, de fato, uma loucura, mas uma feliz loucura de amor.

Ficai certas de que não pode haver autêntica renovação da vida religiosa, nem um reflorescimento das vocações religiosas, sem este sincero aprofundamento da vossa fidelidade à consagração total, expressa e concretizada nesses conselhos.

Os conselhos evangélicos, permiti-me insistir, vividos em plenitude de alegria, vos identificam com Je-

sus Cristo Crucificado e Ressuscitado. Tornam-se assim para toda pessoa consagrada uma fortíssima motivação amorosa, um ideal sempre vivo e presente, capaz de superar todos os cansaços, aflições e contrariedades.

Estes três conselhos evangélicos, arcabouço da vossa vida de doação, devem, porém, concretizar-se de acordo com a identidade específica de cada família religiosa.

A variedade dos institutos é como "uma árvore que se ramifica, esplêndida e múltipla, no campo do Senhor" (Lumen Gentium, n. 43).

Esta diversidade se explica, por vontade de Deus, pela variedade dos carismas dos Fundadores e Fundadoras. Esses carismas devem ser vividos pelos seus discípulos e discípulas, conservados zelosamente, aprofundados e desenvolvidos, em homogênea continuidade, ao longo dos tempos, sejam quais forem as circunstâncias históricas.

Cada instituto, com efeito, como reflexo da infinita variedade dos dons do Espírito, tem seus "fins e seu caráter próprios" (Cf. C.I.C., c, 598), não somente no que concerne à observância dos conselhos evangélicos, mas também em tudo que se relaciona com o estilo de vida de seus membros (Cfr. C.I.C., c, 498,2).

Daí decorrem diversas conseqüências. Levando-se em conta que a formação inicial e permanente, segundo o próprio carisma, está nas mãos do Instituto, a formação intercon-

gregacional não pode suprir inteiramente a tarefa da formação permanente dos seus membros. Esta deve estar impregnada em muitos aspectos das características próprias do carisma de cada um dos Institutos. Cada um deve, portanto, promover e organizar diversos tipos de formação especial, para o melhor cumprimento de seus fins específicos. Com efeito, a fidelidade ao próprio carisma precisa ser aprofundado no conhecimento, cada dia mais apurado, da história do instituto, da sua missão peculiar e do espírito do Fundador, acompanhado de um esforço correspondente para encarná-lo na vida pessoal e comunitária (Cf. Orientações sobre a formação nos Institutos religiosos, 2.02.1990, 68 e 69). Por isso, a formação intercongregacional deverá ser complementar e a serviço de cada Instituto, mas não servirá de suplência ou como nivelamento dos distintos carismas.

A segunda conseqüência, derivada da primeira, é que esta rica diversidade de carisma, os frutos próprios com que contribuem para o Reino de Deus, se empobreceriam caso fossem nivelados por um mesmo padrão, ou uniformizados por causa de finalidades pastorais que se polarizam em torno de um objetivo unilateral.

Deve-se ter isto presente, de forma muito especial, com relação aos problemas que, muitas vezes, trazem consigo a chamada "inserção da comunidade religiosa em meio popular".

Já notava o documento de Puebla, que a opção preferencial pelos pobres tem sido um fator muito expressivo na vida religiosa latino-americana durante os últimos tempos (Cfr. Conclusões de Puebla (721.766). Esta opção preferencial pelos pobres, que nunca é exclusiva nem excludente, levou, de fato, a muitos religiosos e religiosas a estarem generosamente "presentes nos bairros de periferia, entre os indígenas, os anciãos e os doentes, nas inúmeras situações de miséria que a América Latina, (e, conseqüentemente, o Brasil), vive e sofre, como são as novas pobrezaas que afetam sobretudo os jovens, desde o alcoolismo até a droga" (Carta Apostólica 29.06.1990, 19).

Neste sentido, as pequenas comunidades religiosas inseridas em meio popular, podem ser, e na realidade o são muitas vezes, uma expressão significativa desta "opção pelos pobres".

Mas é de suma importância saber que essa presença, para estar de acordo com os desígnios do coração de Cristo, deve ser vivida em perfeita harmonia com o espírito dos fundadores de cada instituto e com as características próprias de vida consagrada.

Propor a todas as famílias religiosas um só modelo de vida e missão, a inserida nos meios populares, seria esquecer a importância insubstituível da ação que muitas religiosas, em consonância com o seu carisma peculiar, devem desenvolver nos diversos ambientes sociais.

As religiosas que, pela índole e fins próprios de seus institutos, trabalham nestes ambientes, fiquem certas de que são um foco de evangelização muito necessário, e estão prestando um grande serviço à causa de Cristo na sociedade, considerada como um todo orgânico.

Naturalmente, esta vossa ação diferencia-se substancialmente da que compete aos leigos, por sua própria vocação. Nunca será uma imitação da mesma, pois isso descaracterizaria a essência da vossa vocação religiosa.

Quanto às religiosas que, sempre de acordo com o carisma do seu instituto e com a legítima indicação da autoridade correspondente se inseririam nos meios populares, compartilhando a vida e os trabalhos dos mais pobres, fiquem certas de que serão operárias eficazes do Evangelho na medida em que preservarem sua identidade como consagrada.

É, sem dúvida, muito louvável o esforço generoso e a boa intenção com que ajudam as populações carentes, muitas vezes abandonadas à própria sorte. Porém, é necessário que essas pequenas comunidades observem certos critérios, que assegurem sua autenticidade religiosa. Entre elas: a garantia de que possam viver em comunidade, de acordo com as características de cada instituto, a vida de oração comunitária e pessoal, que exige na comunidade os tempos e os lugares de silêncio; a completa disponibilidade para obedecer às exigências das superiores do instituto; uma atividade apostólica que corresponde, antes

de tudo, não a uma escolha pessoal, mas a uma opção do instituto, em harmonia com o carisma e com a pastoral diocesana, da qual o Bispo é o primeiro responsável (Cf. Orientações sobre a formação nos Institutos religiosos, 2.02.1990, 28).

Enfim, qualquer que for o trabalho a que vos dedicais, não poderá nunca diminuir, de qualquer forma, a vida de oração contínua, como diz o Senhor: "Convém orar sempre e não desfalecer" (Lc 18,1). A vida religiosa exige que se harmonize, em uma forte unidade, o tempo dedicado à intimidade com Deus e o tempo consagrado às diversas atividades.

Com grande alegria, quero recordar agora a recomendação que fiz aos Bispos brasileiros do Regional Norte-Um, na sua visita ad limina, quando lhes pedia "a promoção e acompanhamento dos Institutos de vida contemplativa, cuja presença na Igreja se torna tanto mais importante quanto são maiores as necessidades pastorais do povo" (Discurso, 21.05.1990).

Caríssimas religiosas contemplativas, o Papa vos assegura que sois um grande tesouro da Igreja. Sem vossa amorosa imolação, sem vossa intercessão continuada, sem vosso alegre sacrifício, o trabalho da Igre-

ja se veria privado de uma das maiores fontes de energia. Estais no próprio coração da Igreja. Sois como um motor oculto que Ihe fornece energia para sua atividade fecunda. Perseverai na vossa função indispensável de orar, contribuindo para que a ação do Espírito vivifique todo o organismo eclesial.

Meditai, queridas filhas, nesta dupla fidelidade que o Papa vos recorda, que Deus vos pede. Não duvideis de que dela depende a incomparável eficácia de vossa vocação e missão na Igreja. Esta fidelidade será sempre vosso ponto de referência para qualquer renovação, para toda e qualquer "reciclagem", que procure, de modo autêntico, a verdadeira vitalidade da vida religiosa.

Termino este encontro agradecendo a Deus, mais uma vez, o dom de vossa vida consagrada, que enriquece de modo singular a Igreja toda. E peço, ao mesmo tempo, que a nova evangelização almejada por todos, seja vitalizada por uma nova floração de autênticas vocações religiosas no Brasil.

De todo coração abençôo a todas as famílias religiosas, todas e cada uma de vós, confiando-vos aos cuidados maternos da sempre Virgem Maria, Nossa Senhora Aparecida.

Três pensamentos

A inveja é falta de fé em si mesmo. No plano moral o que mais conta é o *exemplo*. O serviço fraterno nos faz mais próximos de Deus.

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CARTA DO SANTO PADRE ÀS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

POR OCASIÃO DO IV CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO
DE SANTA LUÍSA DE MARILLAC

1. O quarto centenário do nascimento de Santa Luísa de Marillac dá a toda a Igreja, e à Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo em particular, o ensejo de recordarem esta grande figura do XVII século francês, a fim de reconhecerem o seu débito para com ela e de haurirem dos seus ensinamentos a matéria duma reflexão profunda e substancial.

Numa época de tumultos políticos que atingiram até a sua vida familiar, Luísa soube ir em socorro dos pobres, os mais atingidos pela miséria. A exemplo do seu diretor, Monsenhor Vicente, neles ela via os seus "mestres". Chegará até a dar este conselho a uma das suas Filhas: "Por amor a Deus, minha querida Irmã, praticai uma grande amabilidade para com os pobres e para com todos; e procurai contentar-vos mais com ações do que com palavras; e isto ser-vos-á fácil, se conservardes uma grande estima pelo vosso próximo; pelos ricos, porque es-

tão acima de vós; pelos pobres, pois são os vossos mestres" (cf. Carta 200bis, à Irmã Hardemont). Foi por isso que o meu predecessor, o Papa João XXIII, a proclamou padroeira de todas as pessoas que se dedicam às obras sociais cristãs.

Na época da sua fundação, as Filhas da Caridade eram assim descritas por São Vicente de Paulo: "Elas terão por mosteiro a casa dos pobres doentes, por cela um quarto alugado, por capela a igreja paroquial, por claustro as ruas da cidade ou uma sala de hospital, por clausura a obediência, por grade o temor de Deus, por véu a santa modéstia." A vida comunitária por elas mantida continua a ser um modelo para as pessoas hoje consagradas a Deus, e todo o cristão pode assim apropriar-se das frases, bonitas e simples, que Luísa de Marillac escreveu às suas Irmãs em missão: "Se a humildade e a caridade que vos servem de apoio, estiverem bem estabelecidas entre vós, a vossa pequenina Companhia será composta mais por santas do que por vós mesmas. Mas não é preciso esperar que alguma outra tome a iniciativa. Sejamos as primeiras a iniciar" (Carta 505, .. Irmã Angiboust).

2. Ao consagrar-se a Deus sem reservas, ela uniu-se de maneira cada

vez mais estreita à **vontade do seu Mestre**: "Devemos pertencer a Deus, que deseja que não queiramos outra coisa senão o que Ele quer" (**Carta 441**, à Irmã Mongert). Nesta união íntima, ela unia-se a Cristo crucificado, por ela apresentado sempre às suas Irmãs ao dar-lhes por lema: "A caridade de Jesus crucificado nos constrange" (**2 Cor. 5,14**). Deste modo, ela podia sair vitoriosa das provas que a vida a fazia atravessar, propondo a si própria, numa admirável fórmula: "Sofrer e amar, é a mesma coisa."

Vós tendes, em Santa Luísa, um exemplo a seguir e a propor. Longe de ter conhecido uma vida fácil, ainda que o seu nascimento a pusesse ao abrigo de muitas preocupações materiais, ela superou inúmeras dificuldades, a começar pela provação da fé. Conheceu a tristeza da viuvez e soube transformá-la em oferenda da sua pessoa a Deus. Numa palavra, ela soube passar da ansiedade à santidade, aceitou entregar a Deus a sua vida e encontrar só n'Ele a serenidade e a paz da alma. Esta atitude fundamental da existência cristã será ao mesmo tempo o vosso apoio e o critério da vossa fidelidade ao carisma daquela que fundou, com São Vicente de Paulo, a Companhia das Filhas da Caridade.

3. Ao lançar as bases da Companhia, Santa Luísa de Marillac deu nascimento a **uma nova forma de vida na Igreja**, praticada hoje nas sociedades de vida apostólica, que são ativas em inúmeros setores da missão eclesial. Na época da fundação delas, São Vicente de Paulo escrevia: "As Filhas da Caridade não são religiosas, mas filhas que vão e vêm como leigas." No

seu desejo ardente de se unir mais facilmente aos pobres e de lhes levar um socorro eficaz, na sua vontade de se fazer tudo para todos, Santa Luísa teve a peito visitar, desenvolver e aconselhar as "caridades" estabelecidas na França inteira, e até mesmo para além das suas fronteiras, a fim de pôr em prática o poder do amor e da misericórdia. Uma via abria-se a uma nova ordem de coisas na Igreja. Centenas de instituições hospitalares ou de professoras femininas iam adotar um modo de vida análogo, ao serviço do próximo no mundo.

Jamais este impulso admirável teria sido possível sem o apoio duma **oração intensa**. A vida espiritual de Santa Luísa caracteriza-se sobretudo pelo seu acolhimento constante do Espírito Santo. Por uma destas intuições que trazem em si mesmas a marca da sua autenticidade, ela une a devoção ao "sim" da Anunciação e a devoção à festividade do Pentecostes. Como a Virgem Maria, repleta de graça pelo poder do Espírito (cf. **Lc. 1,35**) e presente ao lado dos Apóstolos desde as origens da Igreja (cf. **At. 1,14**), ela encontrou na ação de Deus a fonte da sua força; percebeu muito bem que a fidelidade da Companhia estaria no "fiat" mariano, seu modelo e guia. Ela soube fazer aumentar nos outros o espírito de oração, no qual vivia a exemplo de Maria.

4. **Renovai hoje o dom de vós mesmas ao Senhor!** Acolhei de novo a graça que Ele concedeu à sua Igreja, ao dar-lhe Santa Luísa. Hauri da sua ação e dos seus escritos, o nutrimento necessário para o vosso itinerário. Neste ano em que, com a Encíclica

Centesimus annus, chamei o povo cristão a dedicar uma atenção maior ao ensinamento social da Igreja, segui o caminho por ela traçado para vós, a fim de dardes aos pobres o amor preferencial, que eles esperam de vós. O serviço aos pobres permanece o eixo principal do pensamento e da ação de Luísa de Marillac. Continuai a prodigalizar-vos por eles a mãos-cheias. Repito-vos, ao tomar as suas próprias palavras: "Continuai, peço-vos, a servir os nossos caros mestres com grande amabilidade, respeito e cordialidade, vendo sempre Deus neles!" Na perseverança da vossa fundadora, encontrais o melhor exemplo; na sua intercessão, o mais seguro dos apoios.

A vossa Companhia pode ser legitimamente orgulhosa de ter por protetora essa figura que, em cada pobre, reconhecia um membro sofredor de Cristo, o Filho de Deus que nos amou e Se entregou por nós (cf. **Gál. 2,20**). Deste modo, ao doar-se inteiramente ao serviço dos pobres, ao viver "o estado de caridade", ela não queria ocupar-se duma forma particular de pobreza, excluindo outras. Pelo contrário, o seu campo de ação permanecia bem aberto e é isto que ela vos convida a imitar. Por meio dela, o Senhor chama ainda hoje muitas jovens a deixarem tudo, para se tornarem totalmente disponíveis a estes "pequenininhos" (**Mt. 25,40**), que são os seus irmãos. Para que o seu coração e o seu espírito permaneçam abertos a toda a miséria, a diversidade das atividades da Companhia deve ser conservada e também desenvolvida. Com os centros de atendimento ou com os hospitais, os jardins de infância ou os dispensários, as escolas ou os lares,

as casas de retiro ou os serviços de auxílio mútuo, sem contar muitas outras iniciativas em função das formas novas da pobreza, que conhece o mundo atual, deveis permanecer aquelas por quem o Senhor "levanta os pobres da sua miséria" (**Sl. 107,41**), e "distribui do que é seu, dá aos pobres" (**Sl. 112,9**).

5. Ao contemplar o entusiasmo de Santa Luísa, vós haveis de alcançar a sua **espiritualidade da ação missionária**. Com efeito, o Evangelho difundir-se-á à medida que os homens, restabelecidos na sua dignidade, puderem reconhecer no seu Criador a fonte da própria vida. É preciso que se possa ouvir de novo ressoar esta palavra de Cristo: "Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, a Boa Nova é anunciada aos pobres" (**Lc. 7,22**). Ao servir os pobres, vós "deixais Deus por Deus", como teria dito São Vicente de Paulo, e fazei-lo de múltiplas maneiras. Vós recebeis e viveis a palavra de Cristo aos seus Apóstolos: "Pobres, sempre os tereis convosco" (**Jo. 12,8**). Recebeis de Cristo estes pobres que a vida feriu e tendes a missão de os aliviar. A Boa Nova é efetivamente anunciada aos pobres assistidos por vós, no momento em que reconhecerem na vossa ação aquilo que Cristo teria feito por eles, e receberem de fato a revelação de Deus, o Qual foi o primeiro a amar-nos, dando-nos o seu Filho (cf. **Jo. 3,16**).

6. Esta ação, evangelizadora e caritativa, coloca-vos no coração da Igreja, de onde brilhaiis como um foco ardente de amor. No seguimento de Santa Luísa de Marillac, vós colaborais

estritamente com as comunidades cristãs dos lugares onde viveis: **O sentido da Igreja**, que ela quis transmitir às suas filhas, ajuda-vos a levar a bom termo as vossas tarefas apostólicas, no espírito mesmo que a inspirava. Desempenhais assim a vossa função propriamente feminina no Corpo místico de Cristo, na Igreja virgem e esposa, ao velardes pelo nascimento, pela vida e morte dos seus membros. O amor dos pobres faz com que estejais abertas para o advento duma sociedade mais justa, em todos os continentes, a fim de que se cumpram as palavras do Salmista: "Os pobres comerão e serão saciados; louvarão o Senhor aqueles que O buscam" (SI 21-22,27).

7. Na alegria deste quarto centenário invoco o Espírito de fortaleza e de santidade sobre as Filhas da Caridade, e sobre as suas Superiores: peço a Cristo, médico dos corpos e das almas, que venha em socorro dos doentes, dos aflitos, dos pobres que são esquecidos. Como teria feito a sua Fundadora, confio a Companhia à intercessão da Virgem Maria e concedo a minha Bênção Apostólica aos seus membros e a todas as pessoas que, espalhadas pelo mundo, se puseram na escola de Santa Luísa de Marillac.

Vaticano, 3 de julho de 1991.

IOANNES PAULUS PP.II

GRITO DE ESPERANÇA **CRB de Vitória — ES**

A CRB de Vitória apenas nasceu. Seu lançamento foi marcado pela esperança e confiança na caminhada

da Vida Religiosa no Estado do Espírito Santo. A violência de que foi vítima a Ir. Aurélia Zandonadi, FMA foi um momento de prova para toda a Regional. A CRB Nacional pede a Deus que a dor e a vergonha deste episódio ambíguo não sufoque a força do Espírito e o compromisso da Vida Religiosa. Seja antes um grito de esperança. À Ir. Aurélia, querida por vários títulos e, agora, por mais este, nossa oração, solidariedade e carinho.

Nosso compromisso de Religiosos Inseridos em uma realidade de violência, nos leva a aprofundar as causas dos acontecimentos: assassinatos, roubos, estupros etc. Sendo que, um dos últimos fatos se deu com uma de nossas companheiras. No dia 25 de agosto p.p., às 22h30, Ir. Aurélia Zandonadi estava com o carro estacionado próximo a um ponto de ônibus em Jardim América, onde havia umas 4 pessoas, aguardando a Irmã que chegaria de viagem, quando foi abordada por 2 homens armados que a forçaram a passar para o banco traseiro. Após uns 30 minutos indo em direção à periferia do município de Cariacica, já na área rural, um deles a levou para um lugar ermo, às margens de um rio. Aí, além da violência sexual, ela recebeu 3 tiros; sendo imediatamente abandonada e, certamente, considerada morta, pois os tiros foram dirigidos à cabeça. Por uma AÇÃO MUITO ESPECIAL DE DEUS, os tiros atingiram as mãos que no momento dos disparos protegiam os ouvidos e o crânio e, que assim, desviaram as balas que, mesmo provocando ferimentos e fraturas, impediram comprometimentos mais sérios. Ferida, perdendo sangue, ela

caminhou uns 2 km; apenas na 3ª casa recebeu socorro. Até o momento não se tem clareza se foi um assalto qualquer como ao que toda a população está exposta, ou se foi algo planejado, uma vez que ela faz parte de uma comunidade inserida que procura desenvolver uma ação pastoral conscientizadora.

Por isso, o GRIMPO/ES, reunido em 31 de agosto, sentiu necessidade de refletir e partilhar essa reflexão, levando-a ao conhecimento dos outros Religiosos.

Lembramos que há dez anos, na ocasião da primeira visita do Papa ao Brasil, uma faixa dizia: "O povo passa fome"; hoje podemos constatar que o povo morre de fome. São dez anos de desânimo, de pobreza e exploração... Vemos nosso povo com medo, inseguro com relação ao futuro próximo. Os MCS querem convencer que a Pena de Morte é a única solução... Onde buscar esperança e vida?

O compromisso com o Evangelho nos leva a denunciar tudo aquilo que provoca esta violência, sobretudo a falta de respeito das autoridades para com o povo, que se encontra totalmente abandonado e manipulado por um sistema político que não é capaz de atender às necessidades básicas desse povo.

A opção pelos pobres nos impele a uma inserção cada vez mais consequente e fatos como este nos coloca em posição de revisão: — Que peso está tendo nossa ação pastoral na realidade onde atuamos? — Que provocação nossa VR significa no contexto onde nos inserimos?

Por tudo isto e pelo nosso compromisso com a Igreja do Espírito Santo, queremos lançar nosso grito de esperança: CRISTO REALMENTE VIVE! Ele é a certeza que nos ajuda a lutar pela transformação da sociedade, buscando caminhos de justiça e solidariedade.

14 de setembro de 1991.

GRIMPO/CRB de Vitória

PRIMEIRO SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DAS CONGREGAÇÕES DE IRMÃS DE SÃO JOSÉ

De 15 a 28 de julho de 1991, realizou-se em Teresina — PI, o 1º Seminário Latino-Americano das Congregações de Irmãs de São José.

Fundada por Pe. Jean Pierre Médaille, Sacerdote Jesuíta, em 1650, na cidade de Le Puy, França, a "pequena Congregação das Filhas de São José" dá origem, no decorrer do tempo, a 49 Congregações.

Estas Congregações que têm a mesma espiritualidade, o mesmo Carisma e os mesmos Documentos Primitivos a animar sua vida, nasceram das primeiras comunidades que eram autônomas e estavam ligadas ao bispo de sua diocese.

Na América Latina, 25 Congregações de São José atuando em 14 países, buscam viver o Pequeno Projeto do Pe. Médaille, trabalhando para construir a unidade e a comunhão.

Participaram 85 Irmãs vindas de 09 países latino-americanos: Argentina, Bo-

lívica, Brasil, Chile, El Salvador, Haiti, México, Nicarágua e Peru e pertencentes a 17 Congregações: Buenos Aires, Brentwood, Carondolet, Chambéry, Concordia, Cuneo, London, Lyon, Médaille, Nazareth, Novara, Orange, Pembroke, Peterborough, Pinerolo, Rochester e Saint Vallier. Também estavam representadas as Federações Francesa, Americana e Italiana.

O Seminário teve como objetivo: "Fazer uma releitura do nosso Carisma, a partir dos clamores do povo, no contexto latino-americano, para que nossa missão de comunhão seja NOVA no sujeito, no MÉTODO, na EXPRESSÃO e no ARDOR".

Os trabalhos se desenvolveram segundo a dinâmica do VER-JULGAR-AGIR e CELEBRAR, em três grandes blocos.

1. Análise da realidade:

- Apresentação de cada país
- Análise conjuntural

2. Iluminação teológica do Carisma:

- Cristologia e Eclesiologia
- Nossas origens e Carisma

3. Compromisso: Para onde nos conduz o Espírito.

Com todas as participantes, no final do Seminário, podemos dizer que:

"* a partilha do nosso Carisma nos fortaleceu, nos animou e nos desafiou;

* o enfoque da missão, expresso na comunicação de nossas Constituições, revelou a profundidade da raiz que nos une e que, embora florescendo com diferentes expressões, mantém viva a seiva inicial que impulsionou o espírito missionário do Pe. Médaille e das primeiras Irmãs;

* as orações em comum e as celebrações da Eucaristia, com manifestações de símbolos, gestos e cantos nos uniram ao nosso povo que, na partilha do Pão e da Palavra, se engaja na formação de comunidades de fé-justiça-comunhão;

* a constatação da força da novidade do Pequeno Projeto na variedade de culturas, nos impulsiona a partilhar esta alegria com todas as Irmãs de São José do mundo inteiro;

* as Irmãs de São José, como presença evangelizadora na América Latina, assumindo as diferentes culturas, se empenham para tornar vivo o Pequeno Projeto, não medindo esforços para que a semente do amor-comunhão possa germinar nos ambientes onde atuamos, como grão de mostarda que, aos poucos, vai crescendo e comprometendo-se na transformação da sociedade;

* o clamor do nosso povo por um mundo justo e solidário nos compromete a lutar para que haja 'PÃO EM TODAS AS MESAS' e se torne realidade a grande fraternidade universal." (Documento final do Seminário.)

Com todo o povo que se organiza para conquistar a liberdade de viver como filhos e irmãos, professamos a nossa fé e cantamos a esperança de um "novo céu e uma nova terra".

Foi um momento de graça e de renascimento! Uma descoberta. Um sentir com a Igreja que toma posição em favor dos fracos e pequeninos. Uma confirmação da ação do Espírito em nossas congregações, neste Continente que amamos.

CARTA ÀS COMUNIDADES CRISTÃS E GRUPOS DE PASTORAL

DOS PARTICIPANTES
DO II SEMINÁRIO NACIONAL
DA PASTORAL DO MENOR

Saudações no Senhor Jesus que nos acompanha, presente nas crianças e adolescentes empobrecidos, nos educadores que doam sua vida, nas celebrações cheias de símbolos, gestos, canções e emoção, na Eucaristia, na memória dos nossos mártires.

Nós, agentes, educadores e educadoras da Pastoral do Menor de todo o Brasil viajamos para Salvador, na Bahia. Havia gente de quase todos os Estados brasileiros, mais de 200 pessoas. Nós nos reunimos em nome de todas as crianças e adolescentes empobrecidos, nos dias 10 a 13 de julho de 1991.

O tema do Seminário foi: "CRIANÇA E ADOLESCENTE, COMPROMISSO DA DÉCADA POR UM NOVO MILÊNIO".

Os pequenos estão com sua dignidade, de seres humanos e filhos de Deus, violada. Queremos, pois, junto com todos vocês, resgatar a dignidade, construir a cidadania. Crianças e adolescentes têm direito de participar, de dar sua opinião, de se tornar construtores de uma sociedade nova, junto com as comunidades cristãs, os movimentos, as pastorais.

É o que queremos com todas as forças: uma sociedade nova, que supere o capitalismo, suas estruturas de morte e suas idolatrias.

Isto nós lemos no Objetivo Geral da Igreja no Brasil: Evangelizar... testemunhando Jesus Cristo em comunhão fraterna à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para formar o povo de Deus, e participar da construção de uma sociedade justa e solidária.

Para formar o povo de Deus, vamos todos nos encontrando mais, partilhando, celebrando.

Para contribuir na construção de uma sociedade justa e solidária, vamos conhecendo melhor a Constituição, o Estatuto da Criança e do Adolescente... Vamos nos capacitando para intervir politicamente, para não deixar que governantes, legisladores, juízes e outras autoridades continuem a fazer desmandos, a desrespeitar os direitos do povo e de seus filhos.

Queremos levar para vocês nossas preocupações:

Há crianças que morrem assassinadas todos os dias: são nossos filhos, são filhos de Deus. Este absurdo não pode continuar.

Há crianças sendo destruídas desde muito pequenas, com danos psicológicos graves, pela falta de alimentos, de acolhida, de aconchego, de amor, de estímulo, de uma família. São nossos filhos, embora ainda pareça que não o são.

Já antes da adolescência os pequenos são vítimas das omissões e transgressões do Estado, do aliciamento para o tóxico e o crime.

A situação da menina é sempre mais grave. A prostituição infantil bloqueia o futuro destruindo a dignidade.

O tráfico de crianças para o exterior clama aos céus, e exige de nós empenho redobrado para que a criança brasileira tenha aqui mesmo seu lar.

Muitas meninas e meninos vivem com medo. É arriscado sair nas ruas e praças. São vistos com desconfiança, são considerados suspeitos por suas roupas, por sua tentativa de sobreviver. Sua liberdade de ir e vir está sempre ameaçada. Queremos em breve ver as crianças vivendo a liberdade dos filhos de Deus.

Há muitos focos de resistência que teimam em manter a situação anterior de esconder as crianças, de decidir tudo autoritariamente, de não levar em conta a opinião dos pequenos e as contribuições do povo.

Com tão pouca idade, nossas crianças e adolescentes estão sendo forçados a trabalhar, sujeitos a todo tipo de perigo, insalubridade, risco de doenças. São nossos filhos, filhos de Deus, que deveriam estar brincando, aprendendo, estudando, exercitando a criatividade, e se iniciando dignamente no trabalho.

A educação deveria ajudar o desenvolvimento completo das meninas e meninos; prepará-los para o exercício da cidadania. Mas o que acontece? Alguns privilegiados aproveitam. A maioria sai da escola antes da hora, outros nem entram, e muitos passam por um processo de dominação e domesticação, em lugar de desabrochar para a vida plena, para a conquista do saber, para a consciência crítica. Mata-se assim a voz e a vez do povo, em suas meninas e meninos.

Saímos do Encontro em Salvador renovados, na certeza de que nossas crianças e adolescentes precisam ser assumidos por todos como PRIORIDADE ABSOLUTA. Fortalecemos a esperança de ver acender-se por todo o Brasil, sobretudo onde há comunidades cristãs, uma chama de amor que leve a um compromisso com a defesa da vida dos pequenos e preferidos de Deus.

Nossa fé no Deus da Vida, manifestado em Jesus de Nazaré e presente pelo Espírito Santo, nos fará lutar sem vacilar, até que a novidade do Reino venha com a vida defendida dos filhos do nosso povo. A Igreja, as comunidades cristãs, hão de ressuscitar com novo vigor, com as meninas e meninos enfim defendidos e valorizados.

Salvador, Bahia, 13/07/91.

A MULHER NA EVANGELIZAÇÃO DO BRASIL

(Até meados do séc. XX)

Ir. Delir Brunelli, C.F.

Subsídio em preparação ao Seminário Nacional "A Mulher Consagrada, a Libertação da Mulher e a Evangelização no Brasil" (18 a 23/11/91).

Este subsídio deseja ser um ponto de partida para a reflexão sobre a presença da mulher — e da mulher religiosa — na evangelização do Brasil. Deve ser completado com outras leituras (ver bibliografia no final) e, sobretudo, com dados colhidos a partir da experiência das diferentes congre-

gações. Neste sentido, foi elaborado um roteiro que segue em anexo. Sugere-se que as questões sejam discutidas em grupos, de preferência intercongregacionais, tendo em vista maior riqueza e participação mais abrangente. É uma forma de fazer com que muitas companheiras participem do seminário, juntamente com as representantes de cada regional.

1. PRESENÇA DA MULHER NA AÇÃO EVANGELIZADORA DO BRASIL

1.1. No período colonial e imperial (Igreja de Cristandade)

No período colonial, a participação da mulher na vida institucional da Igreja é praticamente nula. Mas isto não significa sua ausência na ação evangelizadora da Igreja. Na verdade a "dilatação da fé", no período português, dá-se muito mais pela tradição familiar do que pela instituição eclesial. E dentro da família, a tarefa da educação religiosa cabe à mãe. Com frequência encontramos, nos engenhos e nas fazendas, a imagem de Sant'Ana mostrando o livro a Maria, significando o papel catequético da mulher em relação aos filhos e escravos.

Mais ainda do que as mulheres brancas, as escravas negras desempenham papel relevante na transmissão da fé pela experiência de humilhação e sofrimento que as aproxima de Jesus Cristo e lhes permite compreender melhor o Evangelho. O catolicismo popular conserva marcas profundas do cristianismo vivido e transmitido pelas mulheres escravas. Pode-se afirmar que a evangelização, no Brasil colônia, é

uma obra de testemunho, essencialmente feminina e escrava. "As mães transmitiam às gerações futuras a sua própria experiência de tenacidade no silêncio da fé, a sua esperança apesar de tudo, a sua caridade inteiramente gratuita. Os valores de um cristianismo cativo, vivido no cativeiro, de maneira não verbal — pois a palavra pertencia aos dominadores — foram transmitidas de geração em geração pelas mulheres humilhadas... A fé em Deus, das mulheres escravas, foi a semente do evangelho que frutificou no Brasil" (CEHILA. *História da Igreja no Brasil* tomo 2, p. 372).

Este fato se torna ainda mais inteligível se pensarmos que as mulheres brancas, neste período, são poucas e que o Brasil vai se formando com os filhos das mulheres negras e indígenas educados pelas mães.

1.2. Do final do séc. XIX aos meados do séc. XX (Igreja Tridentina)

O modelo de Igreja vigente durante o período colonial e mantido durante o império, começa a entrar em crise a partir dos meados do século XIX, quando se implanta, no Brasil, o modelo tridentino.

Com o apoio de Roma e através da ação dos bispos reformadores, o clero assume a liderança do processo oficial de evangelização e conta, sobretudo, com a participação das mulheres das classes médias urbanas. É significativa a presença destas mulheres em três aspectos da vida eclesial: as novas associações, a prática sacramental e as novas devoções. As mulheres pobres continuam sua tarefa evangelizadora

através do testemunho de vida, da tradição familiar e das formas antigas de devoção.

2. EVANGELIZAÇÃO E Opressão da Mulher

1.1. A mulher serva, sob as bênçãos da Igreja

A pregação do Evangelho, no Brasil colônia, dá-se no interior e a partir de uma cultura que promove, justifica e consagra a inferioridade da mulher e sua subordinação diante do homem.

A sociedade colonial não conhece a mulher companheira do homem, mas somente a mulher serva. A relação homem-mulher, mesmo no casamento legítimo, tem por base interesses econômicos. "Talvez seja esta a mais trágica consequência do sistema colonial: a de reduzir a convivência entre o homem e a mulher a uma convivência puramente econômica" (CEHILA, o.c. p 376).

Durante muito tempo há escassez de mulheres brancas no Brasil. Os portugueses, então, se servem das mulheres índias e negras, mas sem lhes dar o direito de esposas. Na mesma situação, mais tarde, encontramos órfãs e prostitutas trazidas de Portugal, sem direito de retorno à Pátria. Mesmo a mulher branca de família aristocrática tem pouca liberdade. Permanece reclusa na casa do pai, ou na casa do marido escolhido pelo pai, ou no convento.

O machismo e a ligação estreita aos interesses da coroa portuguesa impe-

dem que a Igreja perceba como anti-evangélica toda esta situação. Pelo contrário: ela é legitimada pela ação evangelizadora da Igreja.

1.2. Sinais de libertação e novas amarras

Durante o império, a situação da mulher não sofre muita mudança. É a partir dos meados do século XIX, com a emergência da burguesia, que a mulher começa a adquirir maior liberdade. O direito de escolher o marido e o acesso à escola são expressões desta mudança.

Os promotores da emancipação da mulher são os liberais. Os positivistas continuam reservando à mulher apenas o espaço do lar, sob a autoridade paterna ou do marido, sem nenhuma participação social. No espaço do lar ela é "rainha" e sua principal função é manter a harmonia familiar.

A Igreja se mantém próxima aos ideais positivistas e resiste à proposta liberal. Os positivistas, de sua parte, conseguem fazer com que os homens da burguesia emergente aceitem a participação das mulheres nas práticas da Igreja e nas novas associações participativas esta que é fortemente combatida pelos liberais.

Na verdade, se a mulher, "enclausurada na família", encontra na Igreja um espaço de liberdade, não encontra nesta mesma Igreja legitimação para lutar por sua autonomia na família, nem por sua participação política e social. Além disso, cria-se uma nova dependência em relação a outros homens — o clero — e à Igreja enquanto instituição.

Côm o processo de romanização e a inserção nas classes médias urbanas, a Igreja se distancia das mulheres pobres, que continuam suas práticas populares, e das mulheres negras, cujas expressões religiosas são consideradas supersticiosas ou mesmo diabólicas.

3. A MULHER RELIGIOSA: PARTICIPAÇÃO E DEPENDÊNCIA

No Brasil português, a versão oficial de VR feminina é aquela de tipo monástico, em clausura. O 1º convento é fundado em 1677, na Bahia, quando já havia 70 conventos na América espanhola.

Este surgimento tardio se deve à resistência da coroa portuguesa, por motivos políticos e econômicos. As mulheres portuguesas no Brasil eram poucas e era preciso promover o crescimento da classe dominante. Isto não era compatível com o incentivo à vida celibatária. Além disso, para que um convento pudesse se manter era necessário um bom patrimônio, pois as mulheres da aristocracia — a quem os conventos se destinavam — não faziam trabalhos produtivos.

Houve muita pressão por parte da colônia para a ereção de conventos. Os motivos também eram econômicos: muitas famílias não tinham dotes para todas as filhas ou não queriam dividir a herança da família...

A opção pelo convento, em geral, não cabia à mulher, mas a seu pai ou responsável masculino pela família. A mulher era considerada incapaz de decidir sobre seu próprio destino. Para ela, as leis civis e eclesiásticas pres-

creviam a obediência. Ao mesmo tempo, a VR de clausura promovia a discriminação da mulher pobre, negra e indígena. "Sendo reconhecido oficialmente como um estado de vida 'mais perfeita', a vida religiosa não poderia reunir indiscriminadamente mulheres de origens sociais diferentes, sem contradizer o princípio da suposta superioridade da nobreza branca. Era, portanto, vedado o acesso de mulheres pobres, principalmente as de cor, ao mesmo 'estado de perfeição' que se oferecia às brancas fidalgas. Por isso, o direito de professar, nos conventos colônias, era reservado exclusivamente às mulheres brancas de famílias ricas e de prestígio. Mesmo as brancas de famílias pobres, salvo raras exceções, ali só encontravam lugar na condição de servas. A exigência de dotes e rendas fixas para ingressar no convento se encarregava de manter essa diferença" (AZZI Riolando e REZENDE, Maria Valéria. *A Vida Religiosa feminina no Brasil Colonial*. Em: *A Vida Religiosa no Brasil*. Ed. Paulinas, SP, 1983, p. 45).

Embora nos pareça um tanto paradoxal, o claustro às vezes aparece como uma perspectiva mais animadora para a mulher do que o próprio casamento. A vida conventual significa a libertação da dominação masculina direta, a possibilidade de assumir um projeto pessoal de vida e realizar atividades geralmente negadas à mulher, como a administração de bens, a organização interna da instituição e a instrução de outras moças. Os conventos possibilitam ainda um relacionamento bem mais livre com outras mulheres e mesmo com homens que frequentam os parlatórios e participam

das recepções e festas que os conventos promovem.

Esse tipo de VR, praticamente, não exerce influência na evangelização do povo brasileiro. A perspectiva missionária está ausente, mesmo nas orações.

À margem dessa VR oficial, há outro tipo de VR feminina que exerce grande influência na formação do catolicismo dos pobres no Brasil. São as beatas e as recolhidas.

As **recolhidas** vivem em clausura, praticam a penitência e obras de caridade, instruem meninas pobres e têm uma vida de oração intensa.

Os recolhimentos recebem mulheres pobres, negras e indígenas e são de três tipos:

— Madalenas: mulheres "decaídas" desejosas de recuperação.

— Beatas: mulheres que buscam uma vida mais intensa de penitência e oração.

— Monjas: mulheres que desejam vida monástica e esperam que a coroa portuguesa aprove seu convento.

Além das beatas recolhidas há também as **beatas enclausuradas** em sua própria casa e as **beatas peregrinas**.

A clausura familiar é adotada por moças órfãs ou filhas de famílias pobres. Sempre duas ou mais. Levam vida austera de oração e penitência. Fazem votos particulares e praticam obras de caridade.

As beatas peregrinas, geralmente, são viúvas. O estilo de vida é penitencial ou carismático-messiânico. Dedicam-se

às rezas, à assistência aos pobres, à educação de meninas e também à pregação popular. Atuam sozinhas, em grupos ou ao lado de ermitão e pregadores populares.

Na segunda metade do século XIX — especialmente nas últimas décadas — e na primeira metade do século XX, muitas congregações religiosas enviam irmãs para o Brasil e surgem também muitas congregações brasileiras. O estilo de vida é apostólico, de cunho assistencial. As religiosas assumem, sobretudo, a educação das elites e o serviço aos pobres em escolas, hospitais, orfanatos e asilos.

No estilo de vida religiosa apostólica mantêm-se a inferioridade e a dependência da mulher, vigentes na sociedade e na Igreja dessa época. A própria concepção de VR é masculina e se manifesta na teologia, na espiritualidade, na organização interna, nas obrigações sócio-eclesiais, nas vestes...

A exigência de clausura continua presente, embora amenizada pelo exercício do apostolado. Esta exigência é fruto da concepção social e eclesial da inferioridade da mulher e da necessidade de se preservar e proteger o 'sexo frágil' para lhe dar oportunidade de atingir as vias da perfeição.

O apostolado exercido pelas religiosas tem seu espaço de liberdade, mas em nível de orientação básica e de decisão é restrito e dependente. É uma ação subordinada a quem possui a responsabilidade da missão eclesial — o clero — e não um direito e um dever adquiridos no batismo.

Essa dependência e as próprias estruturas da VR feminina conservam as

religiosas alheias aos movimentos feministas que vão aparecendo e a toda fermentação já existente na sociedade em relação aos direitos da mulher. Somente nas últimas décadas, a religiosa do Brasil vai despertando para a opressão que pesa sobre a mulher, em particular sobre a mulher pobre. Este processo, no entanto, ainda precisa ser consolidado. O desafio é grande, mas justamente aqui se abre um novo espaço para o profetismo da mulher religiosa.

BIBLIOGRAFIA

1. AZZI, Riolando e REZENDE, Maria Valéria. A Vida Religiosa Feminina no

Brasil colonial. Em: CEHILA. A Vida Religiosa no Brasil. Ed. Paulinas, 1983, p. 24-60.

2. AZZI, Riolando. A participação da mulher na vida da Igreja do Brasil (1870-1920). Em: CEHILA. **A mulher pobre na história da Igreja latino-americana**. Ed. Paulinas, 1984, p. 94-123.

3. CEHILA. **História da Igreja no Brasil**, tomo 2, vol. 1. Vozes, 1977, p. 370-377.

4. ROSADO NUNES, Maria José. **Vida Religiosa nos meios populares**. Vozes, 1985, p. 23-70.

5. BRUNELLI, Delir. **Libertação da Mulher**. CRB, 1988, p. 23-29 e 100-107.

Tolerância e generosidade

Bíblia — “Mestre, vimos alguém que não nos segue, expulsando demônios em teu nome, e o impedimos porque não nos seguia. Jesus, porém, disse: Não o impeçais, pois não há ninguém que faça um milagre em meu nome e logo depois possa falar mal de mim”, Mc 9, 38-39.

Leitor — Ciúme dos Apóstolos. Tolerância e generosidade de Jesus. Jesus não é monopólio de ninguém. Ele pertence a todo aquele que vive em sintonia com sua práxis. E a práxis única de sua vida e missão foi libertar de toda opressão. *Deus nasce na experiência de Jesus como LIBERTADOR*. Libertador da opressão interior, espiritual, psicológica, da angústia, do maligno, do ódio, do pecado. Libertação soteriológica — santificação e salvação — para introduzir o homem na comunhão de amor com Deus. E libertação da opressão exterior: política, sociológica, econômica, da doença, do luto, da morte, do sofrimento. Deus se reflete em Jesus como libertador incondicional de todos os faraós institucionalizados e de plantão, visíveis e secretos (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

UM ENSAIO DE PRESENÇA SOLIDÁRIA ENTRE OS SOFREDORES DE RUA

*Migrantes e paulistanos desestruturados,
desempregados, alguém bêbado, sujo,
caído... pessoas com distúrbios mentais,
ex-detentos, homens e mulheres
tentando sobreviver com os restos do lixo e do luxo.*

P. Arlindo Pereira Dias, SVD
São Paulo, SP

Descrever a experiência vivida entre o Povo da Rua no Centro de São Paulo, sem mencionar a caminhada feita pela Igreja e Vida Religiosa na América Latina nos últimos anos, seria desconsiderar todo um processo e uma gama enorme de pessoas que contribuíram para que chegássemos a tal ponto. A experiência relatada a seguir é resultado do caminho feito pela Vida religiosa na América Latina nos últimos anos.

1) Caminhada de Igreja e Vida Religiosa

1.1 — Nasce da Inserção

Em 1988, um grupo de seminaristas Verbitas motivados por Medellín, Puebla e a Vida Religiosa no Brasil e América Latina se sentiram profundamente questionados quanto

ao jeito de ser das Congregações Religiosas masculinas, fortemente marcadas pelo clericalismo, em detrimento do carisma, dom de Deus para a Igreja Universal. Tais questionamentos suscitaram a proposta de uma comunidade de religiosos sacerdotes, preferencialmente a serviço do carisma e das linhas propostas pelos Missionários do Verbo Divino. Um dos companheiros assumiu a Pastoral Negra, outro a Justiça e Paz, através da Comissão de Direitos Humanos e assessoria aos Movimentos Populares da região de Campo Limpo. Em mim renascia um velho sonho de presença entre os empobrecidos dispersos pelas ruas do Centro da cidade. De uma proposta de inserção, vida comunitária, e auto-sustentação, iniciamos há três anos atrás nossa experiência na Zona Sul de São Paulo, uma continui-

dade do processo vivido no período de formação.

1.2 — *Vida Religiosa e rua*

Também cabe recordar que a Vida Religiosa e a Igreja em São Paulo vem se preocupando há anos com a problemática das pessoas que vivem na rua. A começar pelo Pe. Inácio Lezama, beneditino Olivetano, que na década de 50, como capelão de um hospital no Brás, começou a sair pelas ruas e reunir esta população. Uma comunidade religiosa, a Fraternidade das Oblatas de São Bento, surgiu com o carisma específico de trabalhar com os sofrendores da rua, e hoje desenvolve trabalhos em São Paulo e Belo Horizonte. Inúmeras leigas e leigos, religiosas e religiosos marcaram presença em meio aos empobrecidos da rua na Comunidade dos Sofrendores da Rua, acumulando durante os vários anos uma verdadeira pedagogia de trabalho com o povo da rua. Aqui o destaque é para a presença feminina que tem tido maior sensibilidade para com este problema. Como acontece com tudo o que vem do Espírito, a árvore se multiplicou e hoje são vários os grupos que trabalham na Pastoral da Rua, entre eles o nosso, que nasceu de um trabalho conjunto com a Ir. Lenir, Cônego de Santo Agostinho.

2) **Algumas particularidades da rua**

2.1 — *Os Grupos que vivem na Rua*

Antes de dizer qualquer coisa a respeito de uma presença religiosa

solidária entre eles, gostaria de traçar um esboço da realidade vivida pela população moradora de rua, que é composta dos seguintes segmentos:

— Migrantes nordestinos, mineiros, sulistas e gente do interior de São Paulo;

— paulistanos já desenraizados e desestruturados pelo inchaço da cidade grande;

— aposentados e beneficiários de uma previdência que não atende aos interesses mínimos do cidadão;

— desempregados, catadores de papel, plaqueiros e sub-empregados;

— pessoas com distúrbios mentais e psicológicos, incapazes de se estruturarem por conta própria;

— mulheres marginalizadas, ex-detentos, famílias inteiras, vítimas dos altos aluguéis.

“O mundo é minha sala de visitas” — dizia Antônio — numa alusão a este imenso Brasil que às vezes se torna pequeno para tão grande contingente de pessoas a perambular de um canto a outro em busca de vida. A cada canto da cidade se encontra alguém bêbado, sujo, caído, ou com fortes sinais de distúrbios mentais, quase sempre a fazer suas necessidades pela rua e a comer restos do lixo e do luxo. “Outro dia entrei meio sujo num bar. Queria comprar um copo de leite e tomar meu remédio. O garçon recusou-se a servir-me. Tive uma longa discussão a respeito de meus direitos. Acabei sendo escurraçado pela polícia.” — me contava Josef

— um beneficiário da previdência que frequenta a casa de Convivência. Filas enormes se formam a cada dia no “pão do Padre” que os franciscanos distribuem a cada manhã, ou no chamado “café do Coreano” que os Metodistas oferecem aos domingos.

A história é quase sempre a mesma: “não tenho documentos” — “fui roubado” — “vim do interior” — “agora vejo que São Paulo é só ilusão” —. Numa cidade grande como esta, não ter documentos, não possuir um ponto de referência geográfica e familiar acaba provocando sérios distúrbios psíquicos e mentais.

“Se eu tivesse uma família, eu teria uma rua, mas na rua eu não tenho família, eu não sou nada” — lamentava o sr. Geraldo — que veio do interior de São Paulo.

Seria perda de tempo me estender em apontar as causas de tamanha quantidade de pessoas na rua. Inúmeros estudos e os diversos documentos da Igreja nos apontam com muita clareza a origem de tais problemas.

2.2 — *Uma nova classe marginalizada*

O contingente de pessoas que vivem nas ruas é tão grande que já adquiriu a categoria de classe marginalizada, com características de exclusão bem específicas:

a) A vida é ceifada de maneira brutal, através da fome, do dormir na rua e da enorme quantidade de doenças de que são acometidos.

b) O fato de estarem caídos e desestruturados faz com que busquem na bebida — vale lembrar que, sem os problemas que existem na rua, a dependência do álcool ocorre também entre a burguesia, trocando o álcool pelo wisky — um refúgio e uma forma de amenizar a dura realidade do frio, da fome e do desprezo que sofrem a cada dia.

c) São vítimas de todas as formas possíveis de violência, a começar pelos direitos básicos, tais como: alimentação, saúde e moradia, até se estender ao direito à cidadania — a serem tratados como gente. “As pessoas têm medo de nós, nojo por sermos sujos. Se vamos pedir informações pensam que somos ladrões. A toda hora a gente escuta frases como: sai do meu bar que você está fedido! O orgulho não permite que se enxergue o sofredor como ser humano” — é o que diz Carlos — um jovem que conhece bem a realidade da rua. Outra violência constante é a física, tanto por parte da polícia como nas rodas de pinga, os roubos que acontecem quando estão dormindo nas ruas e praças e as quedas e acidentes sofridos quando alcoolizados. Nos apelidos e tratamento dado aos companheiros, o sintoma desta violência: pé-inchado, João Galo-cego, Chico-manco, etc. Atitudes violentas contra os próprios companheiros são muitas vezes a forma comum de extravazar a violência sofrida de todas as formas e lados. “O sofredor usa a violência como meio de sobrevivência, como forma de defesa.” — avalia Cenira — que vive há mais de 10 anos na rua.

2.3 — *Um povo que resiste*

Outras características desta população são as formas específicas de resistir à vida na rua:

a) a luta pela sobrevivência criou um sistema de comunicação boca a boca, muito veloz. De maneira fácil um passa ao outro as novidades da rua. Filas de espera para a comida, o trabalho e os centros comunitários são locais onde se veiculam as informações. Uma comunicação que muitas vezes se dá a nível de ter uma resposta adequada a cada tipo de situação. Somente a proximidade das relações poderá averiguar a veracidade do que se diz. Trata-se de mecanismo de defesa.

b) Criou-se uma verdadeira cultura da rua, com vocabulários e expressões próprias, como instrumento de defesa diante da violência sofrida ou na busca do pão de cada dia. Poderia apontar quase que um mini-dicionário com expressões ininteligíveis ao cidadão comum.

c) Existe um código de moral e ética, por vezes não falado, mas sempre respeitado. Uma lei e senso de justiça que se dá a nível de respostas violentas às agressões sofridas. Há meses atrás, um deles revideou a tentativa de homicídio, colocando fogo no mocó (construção debaixo do viaduto) do primeiro.

d) Viver na rua é uma forma silenciosa — e não rara — bastante barulhenta de resistência. No bairro da Liberdade, numa rua movimentada, um grupo resolveu montar o seu mocó. Quantas vezes a prefeitura

derrubou tantas vezes ele foi reconstruído. Ficar na rua nesse caso é reafirmar o direito negado: a moradia. Enquanto vida houver, a resistência se fará presente de maneira incômoda pelas praças e viadutos. O trabalho das comunidades tem possibilitado a essas pessoas o confronto consigo mesmas, a identificação como grupo e a organização e luta por seus direitos. Em muitos deles a consciência do direito e da dignidade, que certamente não foi forjada na rua, e o jeito crítico de encarar a sociedade se faz notar:

“É a sociedade quem produz o sofredor. Ela nem merece que eu fale dela pois trata a gente como cachorro. Deus não passou a terra de papel passado para ninguém. Se passou, mostre-me com quem está a escritura? Os ricos não sabem nada. Só sabem bolir com o capital. O capital passa pelo nosso sangue, pelas nossas veias.” — questionava José Barbosa, ex-favelado e catador de papelão que morreu na rua semana passada. Ou ainda no dizer de Cenira — “Sou rua, mas não sou bicho, nem aceito ser tratada como bicho.”

2.4 — *Pedaços de vida em meio à morte*

Como sempre acontece entre os empobrecidos, os gestos de solidariedade também são abundantes:

a) O faminto que chega é sempre bem-vindo, tanto no “rango” (comida) entre as rodas de pinga, como nas sopas comunitárias feitas com os restos das feiras e do mercado.

Alguns trazem generosamente sua contribuição que será partilhada entre todos.

b) Disponibilidade para os serviços e atividades da comunidade.

c) A comunhão e o condoer-se pelo sofrimento do companheiro: Certa feita, numa noite de frio, convidei Claudionor, um cearense que freqüentava o Centro Comunitário a dormir lá. Recebi um não categórico como resposta, e justificou: "não posso dormir no quentinho enquanto meus companheiros estão no relento". Acabou morrendo na rua.

d) Sempre aparece alguém disposto a dar uma "mãozinha" ao companheiro, por mais caído que esteja. Jurema, uma ex-presidiária, bêbada como ninguém, vinha sempre se oferecer para fazer barba ou curativo nos companheiros.

3) Um ensaio de presença solidária

Tal realidade suscita em nós questionamentos profundos. Como ser presença solidária e tornar eficaz o trabalho entre eles?

3.1 — Pastores Eletricistas

Necessariamente será um trabalho de pastoreio. A misericórdia e o amor de Deus devem se fazer presentes em todos os momentos. Pessoas desenraizadas, perdidas como "ovelhas sem Pastor", necessitadas de alguém que caminhe com elas. Exige combinar bem a dosagem de paternalismo com uma pedagogia que auxilie as pessoas a caminha-

rem com as próprias pernas. Reacender a luz que se apagou, na expressão de Cenira: "Muitas vezes está escuro dentro da gente. Todos nós temos uma luz aqui dentro. Se a luz está com defeito a gente chama o electricista que são os companheiros e eles reacendem a luz dentro da gente. Um dia acendi uma vela. Querendo apagar o fósforo apaguei também a vela. Isto, às vezes acontece com a gente. Em todo sofrimento existe uma luz, mas ele apavorado e esgotado, acaba esquecendo o lado bom da vida." Este povo desprezado precisa redescobrir sua dignidade. Somos chamados ao presunçoso objetivo de sermos electricistas, e suscitar entre eles electricistas que façam renascer em si, nos outros e na sociedade o respeito e a dignidade que os Filhos de Deus merecem. "Um dia Jesus vai vir e escolher o que está caído. Sou um mendigo sem nada no mundo, mas ainda tenho esperança. Minha esperança é a cruz de Cristo" — dizia Antônio — aqui a comunhão no sofrimento e a identificação com o "escândalo da cruz".

3.2 — É direito dos empobrecidos

É um direito dos marginalizados contar com a presença da Vida Religiosa. Se por tantos anos nos fizemos presentes entre as camadas mais ricas da sociedade, razão maior o temos para fazê-la entre os excluídos, mesmo que esta não se dê de maneira tão estruturada e convencional. "No meio de tanta desgraça o que encontrei de bom foi a comunidade" — comentava Wilson, num dos grupos de reflexão.

Outro desafio é o de ir além da situação de miséria e de fome em que vivem. Várias vezes temos ouvido afirmações de que estes segmentos marginalizados da sociedade não devem ser levados em conta. Não são agentes de transformação, não ajudam a construir a sociedade nova. É aí que a vida Religiosa é chamada a testemunhar que enquanto a "fila dos explorados" não tiver lugar ativo na busca do Novo Céu e da Nova Terra, não seremos o reino sonhado por Jesus. Decorrente deste, outros desafios se apresentam:

a) *Acolher, amar e organizar*

— Possibilitar que as comunidades cresçam na consciência de que o Povo da Rua é vítima de um sistema que "os devora como se come um pedaço de pão". Sl 14, 4, razão pela qual somos solidários e buscamos inserir-nos no meio deles. O trabalho é uma busca constante de ir além do assistencialismo, envolvendo-os, na medida do possível, na luta pela sociedade nova. Sonho? Talvez. Sonhar com as mãos não faz mal. É pedagogia de Jesus. Acolher, amar, organizar na luta pela mudança das estruturas sociais. Do contrário passaremos a vida inteira a despertá-los para que se levantem e andem, e teremos uma "legião de demônios" a nos seguir e a derrubá-los, e ainda por cima, zombando de nós. Nosso intento tem sido o de inserção deles num processo comunitário — acompanhado das fraturas e feridas adquiridas na

rua — situando-os na dimensão mais ampla das lutas sociais.

b) *Reintegrar na sociedade*

Outra dimensão fundamental é a de reintegrá-los nas atividades promovidas pela Igreja Local, no sentido de ser uma pedra no sapato a inquietá-la na busca de soluções. Algumas vezes, a opção pela margem nos torna marginalizados também na Igreja e na sociedade. Antes mesmo da abertura de uma casa de Convivência no Brás, já temos em mãos um abaixo assinado de protesto com mais de 330 assinaturas. Certamente entre estas, a maioria de cristãos.

c) *Proximidade de relação*

— Um trabalho que exige quase que dissolver-se entre eles. Ou o poder passa necessariamente pelo serviço ou não é poder. Ser religioso no meio deles não inclui necessariamente uma presença sacramental, mas é um apontar para o grande Sacramento de Deus no mundo: a Vida. Alguém ao lado deles, fraterno e solidário, é um apelo à dignidade. "Arlindo, temos que chegar no povo. O Povo está morrendo de fome e de pinga" — dizia Nelson Bento — me despertando para a tarefa constante de nosso compromisso solidário. Quando não existe uma proximidade de relações não se consegue levar adiante o trabalho. Das coisas miúdas, dos pequenos gestos é que se vai forjando o "homem novo" e envolvendo-o no processo de transformação. A relação de respeito e carinho vem desta

proximidade. "Nós estamos na rua e somos desprezados, vocês estão na rua e são contemplados, mas o que nos une é a alegria de estarmos juntos" — exclamava Cenira num momento forte de confraternização.

d) *Espiritualidade do fracasso*

Conviver no dia a dia com tanta precariedade e atos violentos, nunca saber o que vai ocorrer no momento seguinte é característica do trabalho da rua e exige uma constante espiritualidade de cruz e do fracasso. Exige enxergar nos mínimos gestos os sinais do Reino, da nova sociedade que se avizinha, contrapondo-se aos sinais de morte que parecem ter a última palavra.

Conclusão

Por mais que nos esforcemos em inserirmo-nos em meio ao povo da

rua, será sempre um ensaio, se levarmos em conta a gama de sofrimento que carregam milhares de rostos sofridos e corpos violentados pelas injustiças sociais, intempéries da natureza e atos violentos praticados entre si. Ensaiar é um bom começo para muitos de nós, que não raras vezes temos nos afastado do carisma, semente de Deus que deve gerar vida para a Igreja e a sociedade.

A presença religiosa nesse meio é chamada a ser um constante "gritar" e "espernear", um dedo na ferida dessa chaga social que devora e exclui tantos irmãos das condições mínimas de sobrevivência.

A simples presença, o apontar constante para as camadas excluídas deve ser um grande convite à Igreja e Sociedade: eliminemos de nosso meio este quisto que corrói a dignidade dos Filhos de Deus! □

Dois aspectos importantes

Descobrir a obra de Deus. Aspecto de particular importância para a velhice do Religioso é sua atenção à experiência espiritual que se vai desenvolvendo em cada um. Pela fé descobrir, com maior profundidade, a obra de Deus em nossa vida. A fé ilumina e amplia a consciência da presença e da ação de Deus em nós, por nós, apesar de nós.

O trabalho qualificado. Quem possui uma séria profissionalização numa área específica contribui mais significativamente quando diminuem as forças. O longo exercício, a experiência acumulada, as sínteses feitas, tornam preciosas as contribuições quantitativamente reduzidas. Pelo contrário, uma ação exercida sem suporte de competência, submetida a contínuas mudanças de áreas, não leva à maturidade e provoca inadequação prematura. Ao longo da vida, requalificar-se periodicamente é bom exercício para a velhice (Pe. Marcos de Lima, SDB).

MOVIMENTOS ECLESIAIS ATUAIS E DESAFIOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

*O futuro não aponta para uma Igreja
reduzido de medos e nostalgias. E a criação
de lugares de experiência emocionais
não é suficiente para
responder à gravidade das perguntas modernas.*

Pe. J. B. Libanio S.J.

É um fato: a vitalidade dos movimentos de leigos. Os movimentos dos Cursílios, dos Focolares, das Comunidades Neocatecumenais, da Comunhão e Libertação, do Opus Dei, de Schönstatt, de Casais e sobretudo da Renovação Carismática eclodem na Igreja como uma nova força. "No coração mesmo da crise da Igreja no mundo ocidental", observa o Card. Ratzinger, "o aparecimento de novos movimentos, que ninguém previu, mas que brotaram espontaneamente da vitalidade interior da fé mesma", "abre espaço à esperança em nível de Igreja universal". Nessa mesma entrevista, o cardeal vê neles "um período de pentecostes na Igreja" (1).

Pode-se discutir a esperança de novas vocações para o sacerdócio e para a vida religiosa, que o Card. Ratzinger vê em tais movimentos:

Além disso, as tensões, que eles causam com os planos de pastoral, são antes atribuídas à rigidez desses, à sua racionalidade que não consegue enquadrar a liberdade do Espírito. Tais tensões não existem, continua o Card. Ratzinger, em relação à hierarquia, talvez entendida aqui no sentido de Roma e não local. Pois é de supor que as dificuldades com os planos de pastoral diocesanos, no fundo, sejam também problemas com a hierarquia local.

Em todo caso, deve-se admitir que há um surto carismático na Igreja, no sentido mais amplo do termo, que necessita ser analisado. Há uma irrupção "pentecostal", quer no seio do mundo católico, como no mundo protestante e especialmente nas igrejas evangélicas autônomas. Para além das denominações religiosas, novos movimentos

religiosos pipocam sobretudo no mundo ocidental desenvolvido e rico (2).

Os movimentos eclesiais de leigos situam-se nesse contexto maior, deixam-se entender, em parte, por esse amplo surto religioso. Este surto, por sua vez, vem nas pegadas dos movimentos de juventude e de contra-cultura dos anos 60-70, especialmente nos Estados Unidos e em países da Europa. Os movimentos de Igreja guardam, porém, características próprias de sua natureza eclesial católica.

Diversidade dos novos movimentos religiosos

As possibilidades de classificar a gama enorme de movimentos religiosos são diversas, quer considerand-os em sua amplitude sócio-cultural, quer restringindo-se aos exclusivamente eclesiais.

Uma enumeração de diversas expressões de novos movimentos serve, sem dúvida, para acautelar-nos de posições simplistas, devido à complexidade de suas manifestações, reflexo de uma situação bem diversificada e perplexa (3).

Diversidade dos movimentos católicos

A Igreja católica tem milenar experiência de movimentos de leigos. Uns nasceram ligados à espiritualidade das grandes ordens religiosas: beneditina, carmelita, franciscana, dominicana, etc. Tornaram-se famosas as ordens terceiras, as irmanda-

des, as confrarias. Outros de cunho mais moderno, em grande parte inspirados pela Companhia de Jesus, estruturaram-se em vista de tarefas apostólicas e de sólida formação espiritual. Entre nós os mais conhecidos são o Apostolado da Oração, a Congregação Mariana, a Cruzada Eucarística, os Vicentinos, as Filhas de Maria, etc. Depois de 1930, viveram-se, ao lado dos movimentos anteriores, os anos áureos da Ação Católica. Esta esteve na ponta da renovação litúrgica e bíblica. Na segunda metade da década de 60, várias formas da Ação Católica especializada entraram em crise e desapareceram. Os atuais movimentos de espiritualidade e de apostolado entendem-se no vazio deixado pela Ação Católica.

Alguns dos movimentos apresentaram-se no momento em plena vitalidade, enquanto outros já tiveram em décadas anteriores seu apogeu. Tal só acontece porque eles, apesar de todas suas ambigüidades, respondem a necessidades e a problemas do momento cultural e da Igreja. Numa palavra, eles situam-se dentro do coração da modernidade, sobretudo rica. Pois lá nasceram, lá vicejam e de lá vieram para nosso país (4). Alguns traços da situação dessa modernidade esclarecem tal surto.

Crise das instituições religiosas

Hoje parece mais claro que o fenômeno de secularização não foi o desaparecimento nem mesmo o minguar do fenômeno religioso em sua

amplitude, nem ainda a diminuição das necessidades espirituais do homem moderno. Manifestou-se na perda da força normativa e tutelar das instituições religiosas. Se se definem, como duas características fundamentais do sistema de cristandade, "o reconhecimento público do cristianismo como primeira força de identificação individual e social" e "o impacto de sua presença como força moral e social capaz de influir na configuração da vida pública" (5), constata-se-lhes hoje, sem dúvida, um esmaecimento. Ser cristão já não é nenhum passaporte nem carteira de identidade do homem moderno. A Igreja perde cada vez mais sua força normativa sobre o Estado e sobre a sociedade.

Substitui-se a referência externa e social a uma instituição religiosa por uma maior convicção e consciência de pertença à mesma. Em termos bem simples, a decisão pessoal, livre, consciente substitui, com enorme baixa estatística, a filiação religiosa por tradição social. Nessa tendência inserem-se bem os movimentos apostólicos. Não se constituem por nenhum vínculo de tradição, mas pela escolha. Neles se entra porque se quer. Neles se permanecerá, enquanto se quiser e enquanto eles responderem às necessidades e desejos de seus membros. Participam, por conseguinte, da fluidez e porosidade do campo que ocupam no universo religioso.

As instituições religiosas por força de sua natureza de instituição tendem a formalizar e estruturar as relações entre seus membros. Quan-

ta maiores forem, mais necessitarão de aparelhos burocráticos que dêem conta de suas exigências institucionais. A modernidade avançou muito no aperfeiçoamento, na eficiência das instituições, criando relações secundárias e funcionais mais frias, produzindo, ao mesmo tempo, a necessidade de compensar alhures a falta de relações primárias, de cunho afetivo e mais humano. Na sociedade, os supermercados, povoados de empregados anônimos, substituem a venda do seu Antônio, o açougue do seu José, etc., onde os fregueses mantinham relações pessoais. A pequena paróquia do pe. Pedro, que conhecia pessoalmente cada fiel transformou-se na gigantesca, eficiente e moderna paróquia de dezena de milhares de fiéis, com enorme gama de serviços. A escassez do clero torna em nosso país mais dramática a desproporção entre o padre e os fiéis nas grandes cidades. Por mais esforço que zelosos vigários façam para manter uma relação pessoal com seus fiéis, não se pode evitar uma maior burocratização das relações. As celebrações necessitam prender-se a um maior ritualismo e formalismo, à custa de não agradarem a ninguém.

De novo, os movimentos vêm responder ao vazio afetivo, relacional no interior da instituição eclesial, engendrando inúmeros núcleos de vivência, de oração, de encontro. Alguns analistas apontam como um dos sucessos das seitas pentecostais precisamente a possibilidade de oferecer um mundo relacional mais próximo que as paróquias católicas (6).

Agrava-se mais a situação quando a instituição eclesial, além de todos esses fatores, não compreende as aspirações modernas, permanece ancorada no seu conservadorismo tradicional. Essa distância frente à realidade moderna provoca, sobretudo por parte da geração mais jovem, quer uma rejeição explícita, quer um crescente desinteresse, manifestado pela falta de participação ou por um mínimo possível de envolvimento com a Igreja. Impressiona, mesmo no Brasil, como em certas paróquias, a faixa jovem vem minguando e desaparecendo. Crianças e adultos mais velhos formam a assembléia.

Os novos movimentos buscam reverter tal situação, procurando ocupar precisamente este segmento que se está ausentando da Igreja. Para isso, eles trabalham a faixa de onda da experiência, da afetividade, da emoção.

Mais ainda. A Igreja institucional mantinha até o Concílio Vaticano II um discurso oficial mais ou menos coeso e dava respostas a todas as questões levantadas desde pela astrofísica até pela prática da parteira. Paulo VI, porém, já reconhece a impossibilidade de um discurso universal, unificado, para tratar da relação da Igreja com o mundo (7). Por esse lado doutrinário, um ensinamento monolítico é substituído por inúmeros discursos, muitos deles, tomados de empréstimo de outras ciências (8). Os movimentos, deslocando para o campo emocional e do testemunho o acento de sua atividade, evitam e, de certo

modo, resolvem tal falta de referência. Eles, na sua transnacionalidade, são tal referência, que oferece a segurança perdida pelo discurso oficial.

Resposta à centralidade da experiência

Analistas da modernidade convergem, ainda que usando diversas expressões, em que a subjetividade, a experiência existencial, a insatisfação afetiva por causa da falta de sentido para a própria vida vêm marcando a vida na sociedade moderna. O individualismo utilitário, que domina o Ocidente capitalista, está dando seus frutos de frustração, de vazio, de náusea existencial. Ele não consegue oferecer às pessoas, quer em nível individual, quer grupal, um marco referencial de significado para a vida, deixando-as sujeitas às inconseqüências da vida moderna.

A busca sôfrega da acumulação de bens, o consumismo desvairado, ainda que não apresente nenhuma queda estatística, não estão conseguindo preencher o vazio interior das pessoas. Pelo contrário, em muitos segmentos sociais, as pessoas estão entregues às ofertas de produtos espirituais, com a promessa de experiências gratificantes que lhes satisfaçam a inquietação.

Os movimentos de espiritualidade oferecem porto seguro para as naves batidas por esses mares de insatisfação. Muitas buscam-nos desejosas de paz e conforto. Seu sucesso cres-

ce na medida em que as ondas são mais agitadas, de um lado, e eles propiciam mais paz, de outro. A concorrência entre as propostas de resposta a essa sede de felicidade espiritual tende a aumentar com a entrada de sempre novas seitas e técnicas de autoliberação e de apaziguamento interior.

A centralidade da experiência significa, seja um cultivo da experiência interior, a busca de fervor intenso, seja também a necessidade do apoio de um grupo para viver tal experiência. O comunitário adquire enorme relevância (9). Não raramente em torno a um mestre espiritual, "guru" ou "diretor espiritual".

A aspiração comunitária dos movimentos incorpora, em nível de fé, oração e eclesialidade, uma necessidade autêntica e humana de criar e viver em comunidades significativas no meio de nossa sociedade de frio anonimato, desgastante individualismo e isolamento alienante (10).

Outra faceta do primado da experiência manifesta-se no afã de trabalhar o máximo possível a potencialidade humana que a sociedade moderna vem embotando. A ordem é "soltar-se", deixar que se manifeste externamente o recalçado universo afetivo humano. Técnicas psicológicas vulgarizadas são empregadas com frequência. O próprio ambiente de música, de intensidade afetiva favorece a essa "soltura". Os movimentos têm sabido tocar esta tecla.

Uma interpretação mais profunda

Os movimentos atingem de maneira mais profunda o ser humano. Há uma longa tradição no cristianismo de atribuir essa insatisfação profunda a uma raiz antropológica. Os momentos históricos não a causam, mas a tornam mais explícita ou grave. Sua raiz remonta à própria estrutura ontológica do ser humano. A famosa frase de Sto. Agostinho nas Confissões, vem sendo repetida nas mais diversas situações: "Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-Vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós" (11). A tradição tomista trabalha o desejo natural de Deus. Na teologia recente, K. Rahner aprofundou muito, na sua reflexão transcendental, a abertura do ser humano para o Infinito. Nessa sede de Deus, os movimentos encontram uma base antropológica para suas investidas espirituais (12).

Resposta à crise ética do capitalismo avançado

Outra evidência e lugar-comum: a sociedade moderna sobretudo de capitalismo avançado, atravessa forte crise ética. O Documento de Puebla é verdadeiro libelo contra os atentados éticos do sistema capitalista na América Latina. Inúmeros documentos da CNBB, quer no tempo da repressão militar, quer de-

pois da "abertura" política, alertam para a crise ética do país. As críticas vêm sendo feitas às principais instituições do sistema, sem poupar a jurídica, que deveria ser o símbolo da ética.

A guerra do golfo fez aparecer, de maneira escandalosa, a consciência enferma do Ocidente, que ousou até mesmo acobertar, com signos religiosos, interesses econômicos de nações ou grupos, envolvidos nesta guerra. Em momentos de guerra, perde-se ainda mais o senso ético, de modo que a vida de pobres civis é reduzida a número dos noticiários ou a peça de macabro videogame (13).

Nesses momentos, movimentos religiosos e humanistas surgem, como gritos éticos, de protesto. Tanto mais importantes são tais movimentos, quanto mais os meios de comunicação de massa buscam anestesiar as consciências éticas das pessoas com jogos emocionais calculados e programados. Pacifistas, ecologistas, mulheres, negros e outros grupos continuam martelando a consciência das pessoas.

O sucesso de certos movimentos eclesiais vem também do fato de serem uma resposta a essa carência ética do momento atual. Querem romper a raiz última da crise ética, o individualismo egoísta, que isola as pessoas e as faz pensar somente nos seus interesses imediatos e na fruição prazerosa do momento. Tais movimentos procuram abrir seus membros para a dimensão espiritual, para a transcendência, para

a vivência grupal e, em certo grau, para um serviço de ajuda ao próximo necessitado.

Os discursos centrais da modernidade (14)

A modernidade vem elaborando vários discursos fundamentais que estão a plasmar a consciência das pessoas. Eles são, de certo modo, um desdobramento da centralidade do sujeito no mundo moderno. O discurso da liberdade ocupa lugar preeminente. Liberdade entende-se aqui como autonomia, autodeterminação da pessoa. E o sentido de liberdade afeta sobretudo o campo da intimidade afetiva, moral, religiosa. O homem moderno aceita submeter-se no mundo do trabalho em vista de maior autonomia no campo de sua intimidade. A religião pertence a tal mundo. Tolerase a autoridade no espaço da sociedade produtiva ou administrativa. Ela é detestada no campo dos gostos, desejos, experiências pessoais. Desde cedo, a criança quer decidir sobre sua roupa, seus amiguinhos, suas festas, sua prática religiosa. Rejeita a intromissão dos pais.

Os movimentos criam a sensação de liberdade no mundo religioso. As pessoas se soltam nas celebrações segundo as próprias necessidades e desejos. Frequentam as reuniões e celebrações na medida e intensidade que desejam livremente. Mesmo quando há grupos de líderes autoritários, a experiência é de que se está aí de maneira livre. No momento as pessoas sentem a necessidade da presença forte de um guru

ou líder e por isso buscam com liberdade tais grupos. Por isso, a maioria dos movimentos eclesiais resiste a sobrecarregar-se com normas e regras. Mantém-se um espaço grande para a espontaneidade, liberdade.

A modernidade gira em torno da busca da felicidade. Em pesquisa feita em países ricos da Europa constatou-se que o maior valor para a maioria das pessoas é a busca da própria felicidade, entendida como satisfação das necessidades (15). É o lugar de maior realização é a vida a dois onde o afeto pode expandir-se. Os movimentos propiciam muito esta expansão do afeto. Em muitos deles, casais que já se vinham estranhando na relação afetiva, reencontram-se e descobrem o mútuo afeto e carinho. Outros podem viver nos encontros religiosos dimensões de carinho que não experimentam em outros lugares. Por isso, a vivência em tais movimentos vêm freqüentemente envolvida com sentimento de euforia, alegria, bem-estar afetivo. Tanto mais forte se impõe esta experiência quanto mais outros espaços religiosos e humanos estão dominados pelo ritualismo, formalismo e anonimato. O que muitas paróquias gigantescas não conseguem oferecer a seus fiéis em nível de vivência afetiva, os movimentos o fazem com exuberância.

A modernidade trabalha também com muito vigor o discurso da razão instrumental, da eficiência. Parece que este discurso está em oposição ou, ao menos, em tensão com os da liberdade e da felicidade. A

eficiência exige renúncia de desejos imediatos de felicidade, enquadramento de aspirações ilimitadas de liberdade. A genialidade de uma instituição moderna consiste em saber articular esses três discursos de maneira que não se oponham nem conflitem. A eficácia se mostra pensada, orientada para abrir espaços de felicidade e liberdade. As organizações de lazer na sociedade moderna vingam precisamente por que sabem fazê-lo a mil maravilhas. Alguns vêm no sucesso de maior produtividade e de melhor qualidade da empresa japonesa sobre outras precisamente porque ela conseguiu conciliar a eficácia produtiva com a sensação de vinculação afetiva gratificante no espaço do trabalho.

Os movimentos eclesiais são nesse sentido modernos. Buscam manter uma organização nacional ou mesmo transnacional eficiente, mas sem dar a impressão de impor a seus membros uma camisa de força. Antes toda essa organização existe para que se crie um clima de maior liberdade e felicidade.

Eles conjugam, ao mesmo tempo um apreço a aspectos da racionalidade moderna, de um lado, e, do outro, uma crítica a determinadas pretensões dessa mesma racionalidade. Tal jogo dificulta uma análise superficial, que não consegue perceber essa astúcia também moderna. Na verdade, os recursos modernos da música, da eletrônica, da eficácia organizativa se fazem presentes. Há uma racionalidade perfeita no funcionamento de muitos

encontros e movimentos. Por sua vez, nutrem nos seus membros uma desconfiança para com a racionalidade dos "intelectuais" críticos.

Nesses movimentos o papel do antigo assistente eclesiástico da Ação Católica modifica-se fundamentalmente. Já não é uma presença que vem alimentar os membros com suas reflexões teológicas, mais elaboradas e críticas. Pelo contrário tal presença não é desejada. Evitana. Num dos grupos, dizia-se "todos somos teólogos", para indicar que não necessitavam de alguém que cumprisse tal tarefa. A dimensão teológica, doutrinal, de conhecimentos teóricos não ocupa lugar de importância. Mais. Percebem que a teologia não cumpre bem sua função de afervorar, entusiasmar as pessoas. Por isso preferem a vivência, a experiência, o testemunho.

Tais movimentos são também uma resposta, a seu modo crítica, à racionalidade psicológica. Esta vem procurando desvendar as motivações profundas que vigoram no mundo da afetividade, da religião. Às vezes exerce verdadeira função iconoclasta, corroendo vivências religiosas, desfazendo relações afetivas. Nos movimentos há uma desconfiança em relação a tal racionalidade como caminho e acesso a uma consciência autêntica de si, ao mundo das relações pessoais e da transcendência. Acredita-se mais no poder de cura da oração, dos encontros carregados de afeto que nas terapias psicológicas, minadas radicalmente pelo racionalismo positivista.

Tanto mais essa crença cresce, quanto melhores são os resultados que sobretudo a Renovação Carismática têm tido na recuperação de drogados (16). Opera-se verdadeira ressocialização de drogados e de desiludidos de antigas militâncias políticas radicais, por meio de outra experiência intensa espiritual, remobilizando-os para a ética do trabalho, para a escola, para a profissão, para a família.

Jogo do individual e coletivo

Outra fonte de sucesso dos movimentos é um jogo bem articulado entre duas dimensões da sociedade moderna: cultivo da individualidade e do espetáculo de massa. A música é uma expressão acabada dessa polaridade. De um lado, sobretudo a juventude curte na solidão individual a música. Esta enche-lhe praticamente todos os momentos vazios do dia. Os aparelhinhos colados ao ouvido vão levando som o dia todo aos cérebros jovens. Em outros momentos, organizam-se, numa periodicidade relativamente longa, momentos de extremo aquecimento musical. Os shows de grandes artistas, como foi o do beatle Paulo McCartney, o gigantesco cenário do Rock in Rio, agitam e alimentam o mundo jovem por um longo período.

Os movimentos trabalham também essa dupla dimensão. De tempos em tempos, promovem tardes de louvor em estádios com milhares de participantes, organizam gigantescos encontros em lugares, em

geral, amenos e agradáveis. A música, a coreografia, a expressão corporal, a expansão dos afetos enchem o ambiente. Tais celebrações cumprem a função de abastecer a afetividade religiosa por muito tempo. Os encontros menores, por sua vez, desempenham a tarefa do fogo lento que não deixa perder a fervura provocada pelas enormes reuniões de massa.

Fenômeno global de carismatização

Os movimentos eclesiais vêm de encontro ao fenômeno de carismatização no mundo atual. Os meios de comunicação social têm sido responsáveis pela veiculação de personagens carismáticos, quer no mundo político, quer no mundo religioso, com impacto sobre as massas. A vida pública torna-se um grande espetáculo. As figuras políticas, artísticas ou religiosas são então produzidas de maneira sofisticada, arrastando atrás de si enormes multidões.

Evidentemente os meios de comunicação não são a última razão do sucesso de tais personagens. Eles vingam porque existe no público uma predisposição para acolher este fenômeno de transformar as pessoas em espetáculo. Estes meios ampliam a necessidade sentida pelos adeptos de uma causa política ou religiosa de uma legitimação social, que, em outros momentos, lhes parece negada. Há um verdadeiro processo de compensação ideológica.

Os movimentos eclesiais cumprem essa função de legitimação social quer para seus membros leigos, quer para muitos membros do clero. O fenômeno de secularização tinha tirado a relevância social pública da religião e colocado em crise a identidade e o sentido da presença do clero no mundo. Dentro dos movimentos, os leigos encontraram um ponto de referência social e o clero readquiriu um papel reconhecido. Nem faltou em campanhas políticas, algum candidato invocar como mérito eleitoral o fato de ser curtilista. E muitos sacerdotes voltaram a sorrir dentro dos movimentos, depois de amargarem uma solidão social em outros setores da vida pastoral.

A força, que une os membros dos movimentos, é de natureza carismática, emocional. O institucional vem depois e só na medida em que se apóia no carisma. Por isso, os movimentos permanecem enquanto o carisma estiver vivo e dificilmente conseguem ser levados para frente na inércia da institucionalização.

O poder do leigo na Igreja

A relação entre leigos e hierarquia sempre foi um problema. Em tempos medievais, a Igreja era antes comandada pelos leigos da nobreza. A partir de Gregório VII, começa um processo de inverter esta posição. No pontificado de Pio XII, o poder clerical chega, no interior da Igreja, a seu ponto máximo. Já antes do Concílio Vaticano II e sobretudo depois, abrem-se para os

leigos maiores espaços no interior da Igreja.

A expressão dessa retomada do poder leigo foi a Ação Católica. Os novos movimentos eclesiais continua nessa linha. Há aparências de poder e há poder real. Nesses atuais movimentos, parece que a hierarquia permanece na plenitude do poder. Mas, de fato, numa análise mais detalhada, vê-se que o clero (padres e não raros bispos) vai na esteira dos movimentos leigos. Esses provocam "conversões" em bispos e padres. Isso significa que eles ditam as linhas de espiritualidade e não raro de pastoral para o clero. Com sua eficiência, segurança e clareza de objetivos, ocupam espaços espirituais e pastorais, minados pela insegurança do clero. Fazem-no de maneira tal que este não percebe este deslocamento do poder. Na medida em que a formação do clero deixar a desejar, a presença de tais movimentos será mais decisiva.

Dimensão social e política dos movimentos

Evidentemente todo movimento tem traço político-ideológico próprio, mesmo que ele se proclame espiritualista, a-político. Nesse caso, a dimensão ideológica é ainda mais forte, precisamente pela via da ocultação. As características político-ideológicas dos movimentos atuais entendem-se melhor em contraposição à Ação Católica das décadas anteriores. Nas suas formas especializadas, a Ação Católica percorreu

em poucas décadas um itinerário bem peculiar. A pedagogia de inserção e ação levou os seus membros a inevitável e crescente compromisso com o meio, assumindo-lhe a problemática. Partiu-se de uma crítica religiosa da sociedade global. Num passo seguinte, processou-se a uma crítica política dessa mesma sociedade, manejando nesse momento instrumentais sócio-analíticos. Por fim terminam sobretudo os movimentos de JUC e JEC instaurando uma crítica política da sociedade religiosa (17). Esses movimentos levaram, de um lado, a Igreja para dentro do mundo moderno conflitivo e, de outro, trouxeram para dentro dela a problemática política conflitiva, colocando a hierarquia, de quem eram "braço estendido", numa posição incômoda.

A lógica mesma do compromisso dos militantes da Ação Católica levou-os a um choque com a hierarquia. Eles assumem seriamente a problemática do meio em que se inserem, comprometendo-se nas lutas. Reivindicam então autonomia para os próprios compromissos políticos. Nesse momento entram em conflito com a hierarquia que julga inconcebível tal autonomia, já que eles receberam dela o mandato. De um lado, a experiência dos jovens que exigem autonomia, doutro a posição oficial da hierarquia que não lhas pode conceder. Está instalada uma crise incontornável (18).

No Brasil, o contato direto com uma sociedade de terríveis estruturas injustas e necessitada de profundas transformações não foi se-

cundado por uma teologia e abertura eclesial à altura. Jovens da JUC, mais engajados, caminharam para a criação do movimento político Ação Popular, no início de inspiração cristã e depois marxista-leninista, cortando os laços com a igreja institucional. Criou-se um enorme vazio, que veio a ser preenchido pelos atuais movimentos.

Coincide seu surto com os anos de repressão e desmobilização política do país, sobretudo no meio da juventude. Aqueles que permaneceram comprometidos com uma política de transformação tiveram que refugiar-se na clandestinidade. Isso explica que a dimensão ideológico-política dos novos movimentos eclesiais se situa nos estreitos limites impostos pelo regime. Desenvolvem no máximo obras promocionais, o cultivo de valores morais e espirituais. Se a Ação Católica passou da ausência, da rejeição do social dos movimentos anteriores para o combate e compromisso, os atuais movimentos fazem o percurso do combate para o testemunho e presença alegre no mundo moderno.

Na perspectiva da nova evangelização

Na perspectiva da evangelização, a presença dos movimentos é ambígua. De um lado, eles respondem aos desafios da sociedade moderna e urbana. A paróquia continua sendo a principal estrutura de evangelização. Ela é pensada fundamentalmente para uma sociedade rural

ou de pequenas cidades tricêntricas, em que a igreja era plantada na praça, cercada das moradias. Do alto ela, centro principal de toda atividade, controlava e tutelava os outros dois centros — a praça e as moradias, onde se desenrolava a vida pública e particular das pessoas.

A cidade moderna é policêntrica. As pessoas não se organizam a partir da moradia, mas do interesse. Não se frequenta nem a escola, nem o clube, nem a roda de amigos, nem o mundo do trabalho do lugar onde se mora. Vai-se a cada um desses centros por interesse e escolha. Pouco a pouco a esfera religiosa, apesar de todo o esforço da Igreja de valorizar a participação paroquial, se torna um centro de interesse independente do local de moradia. Reúne-se para rezar, para celebrar, onde se julgue mais interessante, onde o ambiente e as pessoas respondam mais às necessidades, desejos, aspirações. E não necessariamente no espaço da paróquia. Nos fins de semana, em muitas grandes cidades, há verdadeiro êxodo para praias, casas de campo, lugares de lazer em outras cidades ou bairros. E os que desejam participar de alguma celebração religiosa o fazem nesse lugar de lazer e não em suas paróquias.

Os movimentos são transparóquiais, transdiocesanos, transnacionais. Podem fazer-se de centro de interesse religioso aglutinador de pessoas de diversas paróquias ou mesmo dioceses. Aí muitos se sen-

tem melhor, celebram com mais participação, rezam, cantam, expandem-se espiritualmente.

Além do mais, são modernos, eficientes, organizados, de modo que podem realmente criar situações e ambientes espirituais mais condizentes com a camada da sociedade que mais facilmente se desloca. Nesse sentido, eles falam, em nossos países pobres, à minoria, ainda que já de muitos milhões, de pessoas das classes mais abastadas.

Para as camadas populares, ainda funcionam melhor as paróquias e as comunidades de base. Delas não se trata nesse artigo. Entretanto cabe uma pequena reflexão da relação entre os movimentos e as CEBs.

Movimentos e CEBs

Ao referir-se ao caráter ambíguo dos movimentos, pensava-se sobretudo na sua relação com as CEBs e sua verdadeira força evangelizadora. Se, de um lado, eles respondem melhor à nova situação da cidade urbana, não está dito que o conteúdo que eles veiculam corresponda às verdadeiras necessidades evangelizadoras do país. Antes, pode-se questionar, por causa de forte vinculação com as classes mais ricas, que eles tragam alguns problemas para a evangelização.

Medellín iniciou no final da década de 60 um forte movimento de nova evangelização (19). Naquele momento, os bispos não podiam prever por que caminhos essa nova

evangelização se embrenharia. De fato, ela se fez sobretudo a partir dos pobres, para os pobres e cada vez mais pelos pobres. E a forma concreta foram as CEBs e dentro delas os círculos bíblicos, que articularam fecundamente a palavra de Deus com a realidade social das comunidades numa linha da libertação. Esta nova evangelização tornou-se prioritária no Continente. Puebla retoma-a, ao acentuar a opção pelos pobres e ao enfatizar também as CEBs.

Os movimentos vêm responder a uma outra vertente de "nova evangelização", que não busca em Medellín sua inspiração, mas no modelo moderno da eficácia, especialmente através dos meios de comunicação de massa. O projeto gigantesco dessa nova evangelização configurou-se no Lumen 2000 (20). O movimento da renovação carismática entrou de cheio em tal projeto e empenha-se em evangelizar através de meios eletrônicos de massa.

Corre-se o duplo risco de esquecer-se dos pobres e de abafar-lhes a vida e iniciativas com a riqueza e força desses meios. Já se sente em algumas igrejas a tensão entre essa nova evangelização eletrônica, de grandes projetos, carregada por movimentos, e a nova evangelização por meios pobres, acontecendo nas e pelas CEBs.

Tendências Prospectivas

Uma primeira tendência seria realizar concretamente a definição da

CEB como "um modo de toda a Igreja ser". Assim ela seria a matriz principal eclesiológica. Ainda que teologicamente tal tendência seja sedutora, os fatos, as decisões principais da história dos homens vão noutra direção. Cada vez fica mais difícil de pensar uma Igreja a partir das CEBs, em que os pobres sejam o seu sujeito principal nucleador. As lutas do povo, as reflexões da fé e da vida em grupos, a discussão nos problemas concretos locais tornam-se cada vez menos pólos de aglutinação em torno ao lugar de moradia. Tais atividades deslocam-se para outros lugares. Em outras palavras, as pessoas cada vez menos se reúnem em torno ao lugar de moradia, base social das CEBs. Buscam outros centros de interesses. Esta tendência urbanizadora não poupa também os bairros populares e as regiões rurais. Além do mais, os meios de comunicação social vão produzindo uma homogeneização de interesses, expectativas, necessidades, que termina por anular a força atrativa das comunidades de interesses estritamente populares.

Outra tendência, a mais fácil e a curto prazo viável, configura-se através da convivência pacífica entre CEBs e movimentos, dividindo entre si as áreas de influência. As CEBs ficam para as comunidades populares rurais e de periferia, os movimentos para as classes letradas e abastadas. A hierarquia exerce o papel de árbitro, evitando os golpes entre os contendentes. Mantém-se a tensão em baixa intensidade de modo que se evita assim a eclo-

são de alguma crise maior na igreja ou paróquia.

Em outros lugares, a tendência vai na linha da hegemonia dos movimentos. Estes plasman a igreja local. As camadas populares dançam segundo a música de tais movimentos, ainda que a seu jeito. Afasta-se, na prática, da opção pelos pobres, como sujeito eclesial e social. Os pobres assumem ou continuam sendo destinatários da caridade e atenção da igreja, pensada a partir das camadas socialmente mais agraciadas.

Esta tendência tem assumido um aspecto restauracionista no sentido de articular os movimentos com uma maior recentralização do poder na Igreja. No fundo, responde-se à dinâmica do mundo moderno com a estrutura dos movimentos, mas permanece-se numa rejeição desse mesmo mundo, no conteúdo da mensagem veiculada e em práticas autoritárias de governo. Nessa tendência refugiam-se muitos medos, nostalgias do tempo das certezas definidas, da autoridade acatada sem crítica, da obediência praticada sem reboço.

Uma tendência mais tradicional, ainda em vigência, desconhece os dois novos sujeitos eclesiais, quer popular — CEBs —, quer letrado — movimentos (21) — e continua com a famosa pastoral do máximo de gente com o mínimo de exigências. É a evangelização dos sacramentos, das desobrigas, dos ritos ocasionais, da catequese doutrinal, da religião por tradição. As reser-

vas humanas das igrejas são ainda grandes de modo que se pode continuar acalentando a ilusão de tal evangelização. Mas está-se na contramão da história, da renovação da Igreja.

Em todas essas tendências, a estrutura de autoridade da Igreja permanece, de certo modo, intacta. Pode-se passar de um autoritarismo de temor para um autoritarismo de amor, mas continua-se dentro dele (22). Surgirá verdadeiro novo modelo da Igreja, quando o fenômeno das CEBs ultrapassar as fronteiras até hoje ocupadas por elas. Para isso, é necessário que haja muito mais liberdade e espontaneidade para o surgimento de sempre outras e novas comunidades, mesmo ao lado de comunidades de base até então senhoras do lugar e das iniciativas. Rompe-se assim o monopólio das CEBs, adquirido por agentes ou líderes, com o surgimento de sempre novos pólos de aglutinação em torno a outro tipo de pessoas. A igreja entraria num gigantesco processo de criação de células vivas, de comunidades, que romperiam o monopólio autoritativo do atual clero e seus colaboradores imediatos. E, como a maioria de nosso povo é feita de pobres, estas comunidades seriam de pobres. Verdadeiro movimento vivo de pobres, mas em comunidades livres, espontâneas, diversificadas, pluralistas. A Igreja procuraria ter um mínimo de estruturas que garantiriam a unidade desse gigantesco corpo de comunidades populares, diferente do atual controle clerical. Nesse contexto,

poder-se-ia pensar uma muito maior diversidade de ministérios na Igreja (23).

Conclusão

O futuro não aponta para uma Igreja que seja o reduto de medos, de nostalgias, de práticas autoritárias. Nem parece que a criação de lugares de experiência emocionais seja suficiente para responder à gravidade das perguntas modernas, sobretudo num contexto de América Latina.

Alguns pontos parecem claros. A multiplicação de comunidades, onde a experiência religiosa possa realizar-se, impõe-se como necessidade e aspiração das pessoas (24). A aceitação de tal necessidade não implica necessariamente numa pura condescendência com qualquer tipo de realização. A fé coloca exigências para que a experiência religiosa seja realmente cristã.

Antes de tudo, o evangelho não permite qualquer interpretação nem pode ser, sem mais, entregue às mais livres e descomprometidas manipulações. Há um espaço de objetividade ao qual qualquer movimento cristão deve submeter-se e que lhe exige o consentimento.

Mais. Sendo um movimento eclesial, a abertura às outras comunidades, à Igreja universal se faz necessária. Do contrário pode-se cair num "neocongregacionismo" em que se é Igreja só e pelo simples encontro (25).

Enfim, é condição incontornável para ser cristão a abertura para o irmão mais pobre. Nesse sentido, faz-se mister que as comunidades de vivência, de espiritualidade, de celebração dos movimentos coloquem cada vez mais explicitamente a presença do pobre, como exigência da autenticidade de sua espiritualidade. Do contrário, elas não responderiam à exigência fundamental do evangelho.

Os movimentos atuais apontam também para a necessidade de reformular a concepção de pastoral, entendida como algo orgânico e totalizante. Eles vêm nela antes a função de ser inspiração, abrindo espaço para a liberdade das pessoas. A presença da fé no mundo moderno parece fazer-se mais através de pequenas comunidades vivas e testemunhantes que por grandes estruturas organizativas. Por isso, quanto mais estas comunidades se multiplicarem, mais elas exigirão mudanças na concepção de autori-

dade e de seus canais na Igreja. E nesse sentido, os ministérios na Igreja, até então centrados no clero celibatário e ordenado, estão a pedir transformações profundas, para responder a tal demanda espiritual com tão pouca possibilidade de oferta.

A nova evangelização aponta muito mais para a multiplicação das células vivas que para grandes aparatos de comunicação. Estes só têm sentido quando animam esses grupos menores ou servem para despertá-los, mas nunca para supri-los. As conversões em massa foram possíveis quando a cultura, a sociedade colocavam as suas estruturas fundamentais em função da evangelização e/ou manutenção dos convertidos. Quando acontece todo o contrário, a evangelização passa pela liberdade, pela escolha, pela decisão e esta é sustentada fundamentalmente por "aparelhos de conversa", por grupos menores, onde se celebra, se fala, se ouve, se expressa, se pratica a fé.

NOTAS

(1) J. Ratzinger-V. Messori, A fé em crise: O cardeal Ratzinger se interroga, São Paulo, EPU, 1985, p. 27. (2) D. Hervieu-Léger, Vers un nouveau christianisme? Introduction à la sociologie du christianisme occidental, Paris, du Cerf, 1986, pp. 139-185. A autora dedica um capítulo aos "novos movimentos religiosos" com interessante e abundante bibliografia nas notas. (3) Num quadro mais amplo, existem movimentos evangélicos, fundamentalistas e pentecostais fervorosos, tanto no seio das igrejas católica e protestante, como em forma de seitas. Um segundo tipo, que

exerce atração sobretudo sobre a juventude, se nutre das religiões orientais, tais como hinduísmo, budismo, etc. Um terceiro grupo assume a linha de potencializar e desenvolver ao máximo as capacidades humanas, através de meditação transcendental, de práticas ascéticas, de exercícios psíquicos, de expressões corporais, de danças, de ginásticas, de técnicas de autoconsciência e de desbloqueio de inibições, etc. São grupos dos mais diversos tipos. Um quarto grupo de movimentos centra-se em torno de algum líder carismático e autoritário, dotado de forte

poder sobre seus adeptos, que, às vezes, chega ao extremo de despotismo. Noutra perspectiva, podem-se perceber nesses movimentos três tendências. Uns assumem posição positiva diante do mundo moderno, adaptando-se a ele. Rejeitam, sim, o formalismo das instituições religiosas e sua rotina sem exigência. Este é o caso do movimento carismático. Outros colocam-se no pólo oposto. Rejeitam o mundo moderno, seus valores, seu materialismo. Têm orientação apocalíptica. Os membros comprometem-se, de modo radical, em grupos que lhes controlam todos os aspectos da vida. Têm um caráter de totalidade. Outros movimentos empenham-se em liberar as pessoas de suas amarras psíquicas, mentais, espirituais, propiciando uma sensação de liberdade de si mesmos: D. Hervieu-Léger, *Vers un nouveau christianisme?* Paris, Cerf, 1986, pp. 141, 171. Tais tipologias valem, em parte, para os movimentos católicos, desde que não sejam entendidas de modo estanque. Alguns movimentos assumem características de vários desses tipos simultaneamente. Assim a Renovação Carismática é, ao mesmo tempo, uma acomodação ao mundo moderno da subjetividade, uma rejeição de certos valores da modernidade e trabalha, em muitos momentos, técnicas de liberação psico-espiritual. Participa de um pouco de cada um dos tipos mencionados na segunda classificação. (4) Mesmo em relação aos movimentos eclesiais, devem-se distinguir aqueles que são realmente movimentos do simples impulso "movimentístico" que pode manifestar-se na criação espontânea de grupos dos mais diversos tipos (ex. associação invisível: G. Quaranta). O canonista P. Beyer providenciou uma definição para os movimentos através de três características: associação de diversos tipos de pessoas (sacerdotes, leigos, casados, solteiros, etc.), que vivem a partir de um único carisma e colaboram num serviço da Igreja que se presta publicamente: J. Beyer, *Motus ecclesiales*, in: *Periodica de re morali canonica et liturgica* 75 (1986) 613-637,

cit. por: G. Angelini, I. "movimenti" e l'immagine storica della chiesa. Istruzione di un problema pastorale, in: *Scuola Cattolica* 116 (1988) p. 540. Neste nosso artigo trata-se quase sempre dos movimentos, mas alude-se também ao fenômeno "movimentístico": (5) C. Palacio, *A Igreja na sociedade — para uma interpretação da "consciência" e da "práxis" atuais da Igreja no Brasil*. In: C. Palacio, (org.) *Cristianismo e história*, São Paulo, Ed. Loyola, 1982, col. Fé e Realidade, n. 10, p. ... (6) J. Comblin, *Algumas questões a partir da prática das CEBs no Nordeste*, in: *REB* 50 (1990) pp. 335-381. (7) Paulo VI. *Octogesima Adveniens* n. 4. (8) H. Cl. de Lima Vaz, *Fé e linguagem*, in: R. Cintra (org.), *Credo para Amanhã*, II, Petrópolis, Vozes, 1971, pp. 30ss. (9) Um rápido estudo sobre a relevância dos "pequenos grupos" desde o início da Igreja até nossos dias com muitos exemplos ao longo de toda a história da Igreja encontra-se em: R. F. Collins, *Small groups: An experience of Church*, in: *Louvain Studies* 13 (1988) n. 2, pp. 109-136. (10) R. F. Collins, art. cit., pp. 130s. (11) *Sto. Agostinho*, Conf. I, 1. (12) J. B. Libanio, *Deus e os homens: os seus caminhos*. Col. *Religião e Saber*, n. 1, Petrópolis, Vozes, 1990, pp. 57-76. Há outra vertente que prefere ver nesse desejo do infinito uma dimensão histórica e não ontológica de modo que se pode afirmar que "um dia se venha a descobrir que este 'a priori' nem sequer existe, mas apenas foi uma forma de expressão do homem, historicamente condicionada e temporária, os homens voltarão a ser radicalmente a-religiosos". E tal está acontecendo hoje, segundo a opinião do autor citado, D. Bonhoeffer, precisamente porque os homens se tornaram insensíveis religiosamente à crueldade da guerra então em curso (1939-1941): D. Bonhöffer, *Resistência e Submissão*, Rio, Paz e Terra, 1968, p. 130s. O surto religioso presente parece corroborar a tese rahneriana da abertura fundamental do ser humano para a Transcendência. Douro lado, a nossa experiência da banalidade, vulgaridade e super-

ficialidade, sem falar de outras atitudes perversas, de tantos e tantos, sem nunca, segundo parece, levantarem uma pergunta séria na vida, tenta-nos pensar na possibilidade de o ser humano poder viver tranqüilo só do provisório e imediato. (13) Não deixa de ser sintomático que a propósito da guerra do Golfo a famosa revista americana Time levantou como "dilemas" éticos o que nos parece evidência a-ética: Deve Saddam Hussein ser assassinado? Deve ser empregada contra o Iraque a bomba atômica? Devem ser ampliadas as incursões de bombardeios aéreos maciços? (Time, fev. 4, n. 15, 1991, pp. 30s). (14) J. Comblin, A força da Palavra. Petrópolis, Vozes, 1986, pp. 198-264. (15) J. Stoetzel, Les valeurs du temps présent: une enquête européenne, Paris, PUF, 1983. (16) Merece menção a experiência de recuperação de drogados e alcoólatras através do trabalho, da vivência religiosa em sítios ou fazendas especializados e orientados por adeptos de tais movimentos. (17) D. Hervieu-Léger, De la mission à la protestation. L'évolution des étudiants chrétiens, Paris, Cerf, 1973, pp. 13-14; ver também: L. A. Gómez de Souza, A JUC: Os estudantes católicos e a política, CID/História, n. 11, Petrópo-

lis, Vozes, 1984, pp. 99-113. (18) D. Hervieu-Léger, Vers un nouveau christianisme? Introduction à la sociologie du christianisme occidental, Paris, du Cerf, 1986, p. 313. (19) Na mensagem final do Episcopado Latino-americano ao Povo em Medellín, os bispos falam explicitamente de "alentar uma nova evangelização e catequese intensivas... para obter uma fé lúcida e comprometida". (20) Ver: Délcio Monteiro de Lima, Enquanto o Diabo cochila, Rio, Francisco Alves, 1990, p. 100-102, onde existem informações interessantes sobre Lumen 2000. (21) Novos sujeitos históricos, in: CNBB, Sociedade brasileira e desafios pastorais. Preparação das diretrizes gerais da ação pastoral. 91-94, São Paulo, Paulinas, 1990, pp. 93-112. (22) J. Comblin, Algumas questões a partir da prática das comunidades eclesiais de base no nordeste, em: REB 50 (1990) p. 344. (23) Pode-se ler o artigo de J. Comblin, citado acima, nessa perspectiva. (24) M. de França Miranda, Um homem perplexo. O cristão na sociedade atual, São Paulo, Ed. Loyola, 1989. (25) G. Angelini, I "movimenti" e l'immagine storica della chiesa. Istruzione di un problema pastorale, in: Scuola Cattolica 116 (1988) pp. 535s. □

Reforço e retorno da plena cidadania

O desmoronamento do socialismo real liquidou os engenheiros sociais messiânicos, convencidos de que eram capazes de refazer o mundo como se ele fosse um laboratório e seus habitantes, cobaias. Faliu a idéia de que o Estado pode e deve moldar a Nação. A Nação é mais forte do que o Estado. A sociedade, nós, a Nação, é que deve pensar, organizar e gerir o Estado. Faliram também as utopias de tábula rasa. Acabou-se o culto das mudanças súbitas e radicais na base de "ukases". Entrou em crise a ilusão de que a sociedade é predeterminada pelo modelo de sua gestão econômica. Aos poucos, vai-se compreendendo que a democracia é retorno da cidadania. É reforço da plena cidadania. É uma prática que produz efeitos concretos, embora a longo prazo. Aprender a engatinhar na direção certa desta meta (Pe. Marcos de Lima, SDB).

REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO NO JUNIORATO

*Os jovens constatam, com objetividade,
que a Vida Religiosa tem
suas celebrações próprias e o modo
próprio de fazer
a festa, de cantar e de louvar a Deus.*

Lina Boff smr

* Tive acesso à Síntese Conclusiva do Seminário Nacional sobre o Juniorato logo depois de sua realização que se deu em Cachoeira do Campo (MG) de 25 a 30 de setembro de 1990, através do frei Clodovis, que foi um dos Assessores. O entusiasmo com que ele me falou do resultado deste Seminário foi contagiante para mim. Lembrome que me disse com muita convicção: "Lina, a vida religiosa não vai morrer, ela está muito viva e está nascendo com um rosto totalmente novo. Acredite-me!" Como devia escrever algo sobre a Formação na VR para a publicação de um pequeno fascículo solicitado pela CRB à Equipe Teológica, fiquei animada em escrever alguma coisa de "novo" sobre o assunto a partir do estudo dos Grupos. A contribuição para o referido fascículo tomou um estilo diferente, e estes breves co-

mentários foram retomados e revisitos agora, quase depois de um ano. Vi que são atuais ainda. Por isso estou enviando-os ao padre Edênio, como contribuição. Acredito que há muito de profundo e de "novo" no estudo que a VR Jovem empreendeu com tanta responsabilidade neste I Seminário, e que pode nos abrir perspectivas, confirmar aquilo que já assimilamos na nossa caminhada ou reforçar aquilo que ainda se apresenta pouco claro e complexo no processo da Formação inicial da VR na AL.

Quero deixar claro que esta reflexão feita de breves comentários parte de um determinado ponto de vista, isto é, de uma religiosa que não participou do I Seminário sobre o Juniorato, teve conhecimento deste através da Síntese Conclusiva

feita pelos próprios jovens ao longo de uma semana de estudo e troca de experiências e ouviu a comunicação dada sobre o êxito deste evento na própria Equipe Teológica. Analisei com atenção e muito interesse a Síntese Conclusiva a que tive acesso e desta extraí os comentários que seguem como contribuição.

No I Seminário Nacional sobre o Juniorato foram estudados vários assuntos diretamente ligados à Formação, assuntos dos quais colhi os elementos mais significativos e procurei analisar a relação que o processo formativo da VR estabelece com estes elementos. Por uma questão de ordem prática grubei estes elementos em três áreas: 1) Formação e Espiritualidade encarnada; 2) Formação, inserção e inculturação; 3) Formação e integração afetiva. Falarei sucintamente de cada área fechando com alguns desafios e propostas tiradas da própria reflexão feita pela VR Jovem nesta semana de aprofundamento e troca de experiências.

1. Formação e espiritualidade encarnada

A experiência cristã da fé tem como objeto a união com Deus em Jesus Cristo pelo seu Espírito. A experiência da fé feita no contexto específico da América Latina tem sua originalidade própria. As jovens e os jovens religiosos falam desta experiência de fé evidenciando alguns aspectos:

1º) a experiência de Deus que se encarna na realidade conflitiva da América Latina é o aspecto da espiritualidade que aparece de formas diferentes em todos os grupos de estudo. Para estes o conflito toma forma no rosto do negro, do índio, do jovem, da mulher, do trabalhador, do ancião, do marginalizado (cf. Puebla n.ºs 32-39). Definem com suas próprias palavras este aspecto da espiritualidade vivida no nosso contexto latino-americano: Fazer experiência de Deus é sentir-lo caminhando na história onde devemos atuar para construir o seu Reino. Esta experiência unifica ação e contemplação, fé e vida, história dos homens e história da salvação;

2º) as(os) jovens valorizam muito a vida de oração da comunidade, esta porém deve ser também uma resposta concreta e inteligível aos desafios da nossa realidade. Por isso fazem propostas que procedem. Constatam com objetividade que a vr tem suas celebrações próprias e um modo próprio de fazer a festa, de cantar e louvar a Deus. Para que tudo isto se torne um meio eficaz de Formação na vr deve entrar em sintonia com o modo de expressar a fé dos indígenas, dos negros e dos empobrecidos, sinais vivos do Reino e deve assumir um caráter prevalentemente gratuito;

3º) aqui a vr jovem leva em conta que, na experiência cristã do Espírito não se pode esquecer o valor do povo como agente formador desta experiência. O povo é visto não só como formador da dimensão es-

piritual da nossa vida, mas como agente que nos abre para o processo da inculturação e nos possibilita um conhecimento mais profundo das nossas raízes culturais e de suas expressões concretas para que a nossa experiência de Deus não seja uma alienação da realidade, mas uma expressão autêntica de fé encarnada;

4º) cabe destacar finalmente, que das jovens e dos jovens religiosos emerge, com particular força, a consciência do valor da mulher, seu lugar e sua atuação no processo de formação inicial da vr, como seu papel na Igreja e na Sociedade.

Aqui estão alguns aspectos de uma espiritualidade encarnada na América Latina descritos pela vr jovem. Cada um destes aspectos levanta desafios para as nossas comunidades e ao mesmo tempo indica algumas propostas que podem responder até certo ponto às questões levantadas por tais desafios. Deixamos para cada comunidade refletir e compartilhar o aprofundamento e as propostas indicadas pelas nossas jovens na Síntese Conclusiva do I Seminário de Junioristas realizado a nível nacional. É importante lembrar aqui que uma espiritualidade encarnada é a base certa para uma Formação inserida e inculturada. É o que se verá no próximo parágrafo.

2. Formação, inserção e inculturação

Como se vê, as(os) participantes do I Seminário sobre o Juniorato re-

afirmam com Medellín e Puebla que a Formação da vr não pode ser feita fora da história viva. Acreditam que o processo formativo passa pela inserção da vr nos meios populares o que supõe um processo de inculturação no seu verdadeiro sentido. Tal processo implica antes de tudo, na tradução do Evangelho nos códigos da comunicação da cultura vigente de um determinado meio social. A cultura portanto, expressa o Evangelho de maneira original e manifesta novos aspectos dele.

Falarei da relação existente entre Formação e inserção e a seguir elencarei os elementos principais que o processo formativo da vr não pode deixar de incorporar da cultura do povo.

a) Formação e inserção

De acordo com a reflexão e o aprofundamento dos grupos de estudo a relação que se estabelece entre o processo formativo com a inserção (no sentido de viver no meio do povo), não é uma relação de dependência mas uma relação de autonomia, pois uma não depende da outra para se organizar e funcionar. Consideradas no processo formativo da vr as duas realidades, formação e inserção, se harmonizam e a Formação que não se dá na inserção põe em risco a fidelidade da vr a Jesus Cristo, aos Pobres, às origens culturais, a releitura do Carisma fundacional e a sua articulação com as necessidades concretas do povo na Igreja local. A formação da vr na inserção é um grito de fidelida-

de a Jesus Cristo aos clamores dos empobrecidos hoje, às nossas próprias origens culturais e às de nossos Carismas Congregacionais.

Na evolução deste processo as(os) jovens destacam três fatores que consideram necessários para a Formação da vr na inserção. São eles:

1º) *A comunidade formadora e o povo.* A primeira deve ter um projeto comunitário claro que respeite o carisma e a individualidade de cada membro. O segundo fator, o povo, entra como agente de formação junto com a comunidade formadora porque na escuta do povo a religiosa e o religioso aprofundam os valores da solidariedade, da resistência, da fé e da esperança.

2º) *O trabalho.* Este entra como um dos fatores que contribui para a formação da dimensão profética da vr inserida no sentido de possibilitar a inserção no Mundo do Trabalho onde a mulher e o homem transformam a matéria num bem de sustentação da vida. Na prática aquilo que as(os) participantes do I Seminário sobre o Juniorato querem dizer é que se trata de participar do Mundo do Trabalho através de um emprego assalariado. Nesse contexto a dimensão profética da vr resgata o lado bom do trabalho, isto é, a dignidade, a solidariedade, a igualdade, a cultura originária e os valores que apontam para a construção do Reino.

3º) *A política.* O significado deste fator é deduzido da Síntese Conclusiva dos grupos. As(os) participantes entendem a política como

um elemento da realidade social imersa num processo histórico no qual a Igreja e a VR não vivem fora ou sobre este processo, mas vivem dentro dele como testemunhas do Evangelho e como pessoas que atuam de forma crítica em tal processo. Para as(os) jovens a prática da política é um elemento considerado fator de formação porque a atuação política da vr brota da grande paixão que ela nutre pelo povo e pela libertação integral deste. As organizações de base (CEBs, Pastorais específicas, Sindicatos, Associações, Movimentos e Partidos políticos) são a forma mais eficaz de buscar a verdadeira transformação da nossa sociedade. Neste sentido a religiosa e o religioso devem se inserir cada vez mais na luta do povo e participar com ele nas suas manifestações em favor da vida. Esta é a relação que os grupos de estudo fizeram entre Formação e inserção.

Aqui está a visão que as(os) jovens têm do processo formativo dado no meio do povo. Deixo para cada comunidade formadora confrontar seu projeto formativo com as propostas delineadas pelos grupos de estudo. Tais propostas foram discutidas e aprofundadas com os assessores do Encontro. Como se pode perceber, ao mesmo tempo que os grupos de estudo levantam interrogações, apontam caminhos novos de resposta e para tanto as jovens e os jovens se dispõem a assumir o risco que os impasses e a complexidade da Formação representam para a vr hoje.

b) *Formação e inculturação*

A Síntese Conclusiva faz algumas afirmações que dizem respeito ao processo de inculturação na vr inserida e descreve a prática deste processo que desafia a Formação hoje. As jovens e os jovens assim se expressam: Nós nos inculturamos a partir da prática de Jesus. Ele se encarnou na realidade de um povo assumindo uma prática libertadora e revelando a imagem de um Deus que é MÃE e PAI. Por isso é fundamental que a Palavra de Deus, lida na ótica do empobrecido, ilumine concretamente a inculturação.

O processo formativo deve responder a alguns desafios levantados pela inculturação, desafios básicos e diretamente ligados ao estilo de vida, ao modo de rezar, de expressar a fé, ao jeito de vestir, de se alimentar, ao ritmo de levar a vida do dia-a-dia e ao jeito de falar e se comunicar com o povo. Para as(os) jovens a vr se incultura quando encarna os valores do povo como expressão de fé e acolhe com respeito e sem preconceitos a cultura negra, nativa e outras no scio da sua cultura.

Diante desta constatação da vr jovem percebe-se que o processo de inculturação vivido nas nossas comunidades se encontra ainda distante do povo seja nos modos como nas formas de inculturação que adotamos na vr. Poderíamos nos perguntar: Como falar de uma espiritualidade encarnada sem a preocupação de criarmos condições adequadas para uma inculturação au-

têntica? De que modo reinterpretamos o carisma fundacional desde a nossa realidade para articulá-lo com a cultura latino-americana?

3. **Formação e integração afetiva**

Na visão das jovens e dos jovens a assimilação de alguns conteúdos que levam em conta a vida afetiva no período da Formação inicial, assim como algumas estratégias diretamente ligadas à nossa cultura latina, podem favorecer experiências positivas no campo da integração afetiva e possibilitar uma doação mais espontânea, consciente e eficaz da vr a Deus e ao serviço do seu Reino.

a) *Conteúdos*

Os grupos de estudo consideram como conteúdos básicos da formação da vida afetiva e da sexualidade na vr dois elementos importantes que são: a confiança e a integração humana da pessoa como um todo. A palavra confiança é tomada em três sentidos. Primeiro no sentido de apoio definitivo que a pessoa consagrada deve encontrar em Deus que, em Jesus venceu a morte (cf. Mt 27,43). Segundo no sentido de abertura ao outro o que supõe uma boa dose de fé em Deus e nas suas criaturas. Este tipo de confiança requer da nossa parte esforço, coerência e aceitação do diferente na nossa convivência. Terceiro a palavra confiança é empregada no sentido de acreditar nas próprias ações e assumir os riscos que se cor-

re porque se acredita naquilo que se faz (cf. Mc 10,24). Tal atitude exige de nossa parte despojamento e pobreza, pois, tudo o que se conquista no campo da afetividade humana é dom do Senhor.

A palavra integração humana é um elemento que deve completar a afetividade e a sexualidade humanas, sobretudo através de um relacionamento harmônico consigo mesmo, com Deus e com os outros. Este aspecto tem grande importância para a vr jovem. Segundo o estudo dos grupos, na medida em que a religiosa e o religioso tomam consciência de que as relações são importantes para a integração humana, perceberão de que tais relações deverão ser trabalhadas e completadas com a ajuda de pessoas *escolhidas* pela confiança mútua, pessoas abertas ao "novo" e capazes de fazer uma avaliação da própria vida afetiva à luz do seguimento de Jesus Cristo. Está clara aqui a necessidade da orientação psicológica feita à luz dos valores da fé.

A síntese dos grupos diz que tal processo requer humildade para acolher a própria história e trabalhá-la à luz destes valores. Requer ainda discernimento prático da parte da pessoa para que esta se torne apta a canalizar emoções, impulsos e sentimentos para o trabalho de doação pelo Reino, à luz dos valores humanos apresentados pelo Evangelho.

As jovens e os jovens ressaltam ainda que o cultivo da amizade e dos sentimentos naturais perpassam todos os componentes constitutivos

da vida afetiva. Enfatizam que é aqui que se dá a experiência da amizade, experiência que se vive mas não se define, que acolhe o outro na sua inteireza deixando-o totalmente livre. Contribuem para este amadurecimento afetivo na vr os encontros espontâneos e programados, as festas religiosas ou não, as liturgias celebradas no interno da comunidade religiosa ou aquelas celebradas com o povo.

Percebe-se a importância da amizade como fator de superação de crises e de integração pessoal e comunitária. Não se pode ignorar que as(os) jovens aqui falam do clima da vida comunitária e da necessidade de se viver num ambiente espontâneo onde as manifestações humanas de relacionamento sadio são aceitas e valorizadas.

b) *Estratégias para uma integração afetiva*

As jovens e os jovens indicam algumas estratégias que podem favorecer o processo formativo no que diz respeito à integração afetiva e à sexualidade. São estratégias que têm a ver com a relação que a vr mantém com o povo em cuja escola a religiosa e o religioso aprendem a viver sua doação total a Deus pelo Reino sem deixar de serem mulheres e homens integrados.

Nesse contexto as expressões do mundo afetivo do povo como o abraço efusivo, a solidariedade na alegria e na dor, a partilha da própria vida e outras manifestações da nossa cultura latina, não podem

ser esquecidas ou simplesmente substituídas por outras de caráter utilitarista com o risco de sermos contra-testemunhas do amor concreto do Pai que se manifestou na vida toda de Jesus Cristo.

Percebe-se a importância que a vr jovem dá à convivência do dia-a-dia na comunidade religiosa quando afirma que o lugar onde devem ser trabalhados os sentimentos e as emoções do mundo afetivo de cada membro é na comunidade onde se vive os momentos altos e baixos da vida humana. Não há como fugir do encontro com a companheira e o companheiro de vida comunitária e de trabalho. Desta forma as nossas relações vão se tornando cada vez mais transparentes e os nossos sentimentos mais purificados.

E para finalizar a vr jovem alerta para o fato de que nenhum projeto de Formação deve exigir uma integração humana perfeita, mas boa e sadia sim. Na vida prática é preciso procurar viver uma integração afetiva que torne as pessoas da vr capazes de se relacionarem bem com

todos ou ao menos de estabelecerem um relacionamento adequado. Pessoas suficientemente capazes de tomarem decisões sem fazerem grandes dramas e saberem trabalhar em paz. Outro alerta que a vr jovem faz diz respeito à prática da direção espiritual neste campo. Evitar de reduzir cada dificuldade da vida afetiva ao aspecto da sexualidade. Não são poucas as pessoas na vr que mesmo não tendo problemas relevantes no mundo afetivo e da sexualidade, colocam-se o problema da relação pessoal e da inserção na comunidade.

Diante de tudo isso pergunta-se quais os desafios que a reflexão dos grupos de estudo feita neste I Seminário sobre o Juniorato levanta para a vr em vista dos próximos anos? Cada comunidade pode apontar caminhos para responder aos sérios desafios levantados pela vr jovem e indicar pistas de ação que levem na devida conta a índole própria da VR na AL e a sua missão profética no meio de um povo sedento de Deus. □

Revolução não é solução

A ciência e a técnica são teleologicamente cegas. A ciência não nos diz, nem lhe compete dizer, como as coisas devem ser. A técnica não diz porque devemos operar sobre a realidade deste ou daquele modo. Apenas mostra qual o modo de operação mais eficiente e eficaz. Nem a ciência nem a técnica podem responder, portanto, às perguntas fundamentais sobre o sentido da História e o sentido da vida (Pe. Marcos de Lima, SDB).

SERVIÇO DO POBRE E ESPIRITUALIDADE

*Há uma cólera expressão de ódio e egoísmo.
E outra, expressão de amor e compaixão.
A cólera de Deus exprime seu amor
pelos pobres e pelos ricos. Como é possível isto?*

Albert Nolan, OP

A evolução do compromisso

Nossa atitude para com os pobres pode crescer, desenvolver-se e amadurecer no decorrer dos anos. Por outra parte, pode também estagnar, e nossa relação com aqueles que tentamos servir pode não mudar mais. Para um cristão, é uma questão de desenvolvimento espiritual. Do mesmo modo que há diferentes graus na oração e no amor, e assim como S. Bernardo pode falar de etapas no desenvolvimento da virtude da humildade, em nosso compromisso com os pobres, existe uma experiência espiritual análoga

que passa por diferentes etapas, diferentes estádios, com suas próprias crises e suas descobertas ou iluminações.

Este artigo passa em revista estas etapas baseando-se, certamente em minha própria experiência e, em parte, na observação da experiência dos outros. Aliás, esta maneira de separar as diferentes etapas, como qualquer outra divisão deste tipo, é inevitavelmente estilizada e estereotipada. Certas pessoas podem transpor estas etapas em uma ordem diferente ou vivê-las de modo diferente. Trata-se aqui de uma esquematização, porém concebida para ajudar a compreender o que se passa quando procuramos uma maior maturidade em nosso serviço dos pobres.

(Tradução das Irs. Vilma Moreira, FI e Ir. Jolinda Moura, RC para a revista Convergência.)

1. Compaixão e "ação de socorro" (assistência)

A primeira etapa de nosso compromisso com os pobres é caracterizada pela *piedade*. Todos nós ficamos emocionados com o que vemos ou ouvimos sobre o sofrimento dos pobres. Nossa experiência de compaixão é nosso ponto de partida. Mas, o que eu quero dizer, é que não passa de um ponto de partida, e que é preciso que ela se desenvolva e cresça. Duas coisas contribuem ao desenvolvimento da piedade. A primeira consiste em se expor. Quanto mais nos expomos aos sofrimentos dos pobres, mais profunda e duradoura é nossa piedade. Em nossos dias, certas agências de ajuda organizam viagens que permitem às pessoas expor-se à pobreza: conduzem as pessoas a um país do Terceiro-Mundo para mostrar algo das provações e carências da miséria esmagadora.

Nada pode substituir o contato direto com o sofrimento e a fome; ver as pessoas com frio e na chuva depois de terem suas casas destruídas, sentir o odor insuportável, intolerável dos barracos, ver a que se assemelham as crianças famintas. Mas informar-se é também se expor. Nós sabemos e queremos que os outros saibam que mais da metade do mundo é pobre. Dizem que cerca de 800 milhões de homens no mundo não têm o suficiente para comer e de um modo ou de outro morrem de fome. Para uma quantidade de gente, a única experiência de sua vida, desde o nascimento até o dia

da morte, é a experiência de fome. Uma informação deste gênero pode ajudar-nos a ser mais compassivos.

A segunda coisa que me parece necessária para desenvolver nossa piedade, é a vontade de permitir que isto aconteça. Podemos pôr um obstáculo a isso, tornando-nos insensíveis ou dizendo: "não é meu problema" ou "eu não posso fazer nada". Isso atenua nossa piedade natural para com os sofrimentos do povo. Entretanto, como cristãos, temos um meio de permitir a nossa piedade se desenvolver, um meio de nutrir nossos sentimentos naturais de compaixão. cremos que a piedade é uma virtude, uma graça e mesmo um atributo divino. Quando experimento a piedade, partilho da piedade de Deus. Partilho do que Deus sente pelo mundo de hoje. Além disso, minha fé me permite avivar e aprofundar minha compaixão fazendo-me ver a face de Cristo nos que sofrem e lembrando-me de que tudo que se fez ao menor dentre os seus, é a ele que se faz. É eficaz.

A piedade leva à ação. Antes de tudo, nossa ação será provavelmente o que chamamos em geral "ação de socorro" (assistencialismo): recolher e distribuir alimento, cobertores, roupas ou dinheiro. A piedade dos pobres pode igualmente nos levar a ter uma vida mais simples: tentar deixar todo luxo, economizar dinheiro e dar o supérfluo aos pobres. Não vou falar disso aqui. Não há nada de extraordinário nisso; faz parte de uma longa tradição cristã: compaixão, esmola, pobreza

voluntária. Já se falou e escreveu muito sobre este assunto.

Vimos, pois, a primeira fase, caracterizada pela *piedade*.

2. Descoberta das estruturas: a importância da cólera

A segunda etapa começa pela descoberta progressiva que a pobreza é um *problema estrutural*. A pobreza no mundo de hoje não é simplesmente uma sorte, uma desgraça inevitável, devido à preguiça, à ignorância ou a uma falta de desenvolvimento. Ela é o resultado da política e dos objetivos econômicos dos governos, dos partidos e das grandes sociedades. Em outras palavras, a pobreza que existe atualmente no mundo não é acidental. Ela foi *criada*; quase que se tem vontade de dizer que ela foi fabricada pelos políticos e os sistemas particulares. Isto significa que *a pobreza é um problema político, uma questão de injustiça e de opressão*.

Vimos que a descoberta da importância da miséria no mundo faz nascer um sentimento de *piedade*. E aí, descobrir que esta pobreza oprime as pessoas por causa das estruturas e de políticas injustas, suscita a indignação e a cólera. Nós ficamos com raiva dos ricos, dos políticos e dos governos. Nós os acusamos e lhe repreendemos sua insensibilidade e suas políticas desumanas.

Mas nossa educação cristã nos deixa inquietos diante da cólera. Sentimo-nos culpados quando temos raiva de alguém. — Não é pecado?

— Não deveríamos amar mais os ricos? — Não deveríamos perdoar aos políticos os seus pecados, setenta vezes sete vezes? Para aqueles dentre nós que querem continuar a seguir o Cristo, nossa cólera e nossa indignação podem provocar em nós uma profunda crise espiritual.

Para atravessar esta crise, é preciso tomar consciência da *importância espiritual da cólera de Deus*. Sabemos todos que se fala muito da cólera de Deus na Bíblia, e não somente no Antigo Testamento. Temos a tendência a achar este aspecto da Bíblia um tanto embaraçoso e nada útil à nossa vida espiritual. Mas talvez seja justamente aí que temos alguma coisa a aprender.

Há dois tipos de cóleras e de indignações. Uma é a expressão do ódio e do egoísmo. A outra é a expressão do amor e da compaixão.

A cólera de Deus, em realidade sua ira, é uma expressão de seu amor pelos pobres e pelos ricos, pelo oprimido e pelo opressor. — Como é possível isto? Todos nós conhecemos este tipo de cólera. Quando meu coração se apieda dos que sofrem, não posso deixar de ficar encolerizado contra aqueles que os fazem sofrer. Quanto maior minha *piedade* para com os pobres, mais forte será minha cólera contra os ricos. As duas emoções vão juntas, como as duas faces de uma moeda, de fato, não posso experimentar uma sem a outra, uma vez que eu sei que os ricos exploram os pobres. E se não experimento um sentimento de cólera, ou só muito pou-

co, então minha compaixão não é séria.

Minha cólera indica o grau de minha piedade, assim como a ira de Deus é um sinal da importância de sua preocupação com os pobres. Se eu não posso experimentar um pouco da ira de Deus contra os opressores, meu amor e minha ajuda aos pobres não podem crescer e se desenvolver.

Entretanto, a cólera de Deus não significa que ele não tenha amor para com os ricos como pessoas. Sabemos por experiência que podemos ficar zangados com pessoas que amamos. Em realidade, nossa cólera pode ser a expressão da profundidade de nosso amor por eles. Uma mãe que descobre seu filho brincando com fósforos e a ponto de pôr fogo na casa deve ficar zangada com ele. Não porque ela o detesta mas, precisamente, porque o ama demais. Sua cólera é a expressão da gravidade do que o filho fez e de sua preocupação com ele.

Tradicionalmente, faz-se a distinção entre o amor do pecador e o ódio do pecado. Sabemos que é difícil fazer isto, mas quanto mais compreendemos que são as estruturas injustas, mais do que os indivíduos, que são responsáveis pela pobreza, tanto mais fácil é perdoar o indivíduo e odiar o sistema. Os indivíduos são culpados numa medida menor, pois são vagamente conscientes do que fazem — se é que o são — como a criança que brinca com fósforos.

Somos todos mais ou menos joguetes ou vítimas de um sistema injusto. Na África do Sul, por exemplo, é extremamente importante reconhecer que o mal que aí se faz não pode ser atribuído a indivíduos tais como P. W. Botha (1). Se ele mudasse, o sistema, continuaria, e por conseguinte, o sofrimento também. Se nós somos contra o P. W. Botha é por causa do sistema e do pecado que ele representa antes que possamos julgar a que ponto ele poderia ser culpado.

Quando partilhamos mais a cólera de Deus, vemos que nossa cólera visa mais os sistemas injustos que as pessoas, mesmo se isto se exprime às vezes através da cólera contra aqueles que representam e perpetuam esses sistemas.

Isto não significa que nossa cólera diminua. Nossa piedade só pode crescer e amadurecer se aprendermos a tomar a sério o sofrimento e a opressão para nos revoltar realmente contra eles.

Durante esta segunda fase, enquanto nós colocamos a responsabilidade nas estruturas e sistemas que geram a pobreza e aprendemos a partilhar a cólera de Deus contra eles, nossos atos serão um pouco diferentes das ações que empreendemos no decorrer da primeira etapa.

Queremos mudar o sistema. Queremos nos engajar em certas ativi-

(1) P. W. Botha, 1º Ministro da África do Sul, um dos responsáveis pela situação de discriminação dos negros (apartheid). Nota das tradutoras.

dades, visando provocar mudanças sociais e políticas. A "Ação de socorro" trata dos sintomas mais do que das causas; é como a medicina curativa por oposição à medicina preventiva: De que serve tentar aliviar o sofrimento quando as estruturas que o perpetuam permanecem intactas? *A ação preventiva é a ação política.* E é assim que chegamos a participar das ações sociais, apoiar as campanhas contra os governos e somos geralmente arrastados para a política. Esta tem suas próprias tensões e pressões, sobretudo quando se trabalha para a Igreja, para um Banco ou para um Instituto de pesquisa. Mas, como se pode servir os pobres de outro modo? A "ação do socorro" é necessária, mas e a ação preventiva?

3. Descoberta da força dos pobres

A terceira etapa de nosso desenvolvimento espiritual começa por uma outra descoberta. A descoberta do fato de que *os pobres devem salvar-se a si mesmos*, de que os pobres se salvarão eles mesmos e de que os pobres não têm verdadeiramente necessidade de vocês ou de mim para se salvarem. Espiritualmente, é o momento em que somos penetrados de *humildade* em nosso serviço aos pobres.

Até o presente, supúnhamos que devíamos resolver os problemas dos pobres socorrendo-os ou procurando mudar as estruturas que os oprimem. Pensamos que nós, os não-pobres, a classe média educada e conscientizada, os guias da Igreja, aqueles

que trabalham para agências bancárias, etc., devíamos socorrer os pobres porque por si mesmos eles são tão fracos e impotentes, coitados! Pode-se mesmo ter a idéia de levá-los a colaborar conosco; ou mesmo de lhes ensinar a ajudar-se a si mesmos (a teoria clássica do "desenvolvimento"). Mas somos sempre "nós" que vamos lhes ensinar a se ajudarem a si mesmos.

Pode ser surpreendente o tomar consciência de que os pobres sabem melhor do que nós o que é preciso fazer e como fazê-lo. E a tomada de consciência seguinte, a saber, que os pobres são, não somente, capazes de resolver os problemas estruturais e políticos que os cercam, mas que só eles o podem fazer, pode nos chocar e nos abalar. Isso pode provocar em nós *uma verdadeira crise espiritual* e levar a uma *conversão muito profunda*.

Encontramo-nos, de repente diante da necessidade de *aprender dos pobres* em vez de ensinar-lhes coisas. Faltam-nos certos conhecimentos importantes e uma certa sabedoria, justamente porque temos um grau elevado de educação e, precisamente, porque não somos pobres e não temos a experiência do que significa ser oprimido. "Bendito sejas tu, Pai, porque revelaste essas coisas, não às pessoas instruídas e inteligentes, mas aos pequeninos" (Mt 11.25). É preciso uma humildade enorme para escutar e aprender dos camponeses, dos operários e do Terceiro-Mundo.

Quando nos consagramos ao serviço dos pobres, é ainda mais difícil

aceitar que não são eles que precisam de nós, mas nós que precisamos deles. *Eles podem se salvar, eles mesmos, e o farão com ou sem mim, mas eu, não posso me libertar sem eles.* Em termos teológicos, devo descobrir que os pobres e os oprimidos são os instrumentos escolhidos por Deus para transformar o mundo — e não gente como você ou eu. Deus quer utilizar os pobres, através do Cristo, para nos salvar a todos da loucura do mundo no qual tantos homens morrem de fome no meio de uma abundância inimaginável.

Esta descoberta pode tornar-se uma experiência de Deus presente e ativo nas lutas dos pobres. Vemos, pois, não somente a face do Cristo que sofre nos sofrimentos dos pobres, mas ouvimos igualmente a voz de Deus e vemos as mãos de Deus e seu poder nas lutas políticas dos pobres.

Depois de ter feito esta descoberta e transposto este obstáculo, abrimos imediatamente o caminho para um gênero particular de “romantismo” em relação aos pobres, os operários ou o Terceiro-Mundo.

Nós, os cristãos, parece que temos uma estranha necessidade de fazer romance. Talvez não seja específico dos cristãos, mas certamente temos uma tendência ao romantismo. No passado, tínhamos tendência a romancear a vida monástica e depois tivemos essa idéia muito romântica do missionário que arisca tudo para salvar as almas dos pagãos selvagens que vivem nas ma-

tas. Tentamos também romancear o sacerdócio e agora, entramos num período de idéias românticas sobre os pobres.

Colocamos os pobres sobre um pedestal e os adoramos como heróis. Pensamos que tudo o que foi dito por alguém que é pobre e oprimido deve ser verdadeiro. Escutamos o povo do Terceiro Mundo como se possuísse uma espécie de conhecimento mágico, secreto. E tudo o que o povo oprimido faz no mundo deve ser justo. Todo rumor de faltas, fraquezas, erros, ou perversidade deve ser rejeitado, porque os pobres são nossos heróis. É o gênero de idéias românticas que não faz bem algum nem aos pobres nem a nós mesmos. E entretanto, é muito difícil evitar esse erro, ao menos durante algum tempo, durante o desenvolvimento espiritual de nosso serviço aos pobres. O que importa, é que ultrapassemos esta etapa.

4. Do romantismo à verdadeira solidariedade

A quarta e última etapa de desenvolvimento começa com a crise de desilusão e de decepção a respeito dos pobres. Começa-se por se dar conta de que muitos pobres e pessoas oprimidas têm defeitos, cometem pecados, fazem erros, não respeitam seus compromissos para consigo mesmos e estragam às vezes sua própria causa.

Os pobres são seres humanos como qualquer um de nós. São às vezes egoístas, não respeitam sempre seus compromissos e desperdiçam às

vezes o dinheiro, o que os europeus acham particularmente irresponsável e incompreensível.

Poderíamos mesmo achar que certos pobres têm mais aspirações de classe média do que nós e são menos conscientizados e politizados que nós.

Estas descobertas podem provocar uma amarga desilusão e uma profunda decepção, uma verdadeira crise de alma. Os pobres não são os santos e os ricos os pecadores. Não se pode felicitar a uns por serem pobres e repreender a outros por serem ricos. Há exceções como aqueles que vendem seus bens e se tornam pobres voluntariamente, ou aqueles que se tornam ricos explorando os pobres refletidamente e intencionalmente. Estes podem ser respectivamente louvados ou reprovados. Mas a questão não está aí. A maioria dentre nós se acha de um ou de outro lado desta grande barreira estrutural entre opressor e oprimido, e isso tem uma profunda influência sobre nossa maneira de pensar e de agir.

Daí depende o tipo de erros que somos suscetíveis de fazer assim como o tipo de mentalidade que podemos ter. Temos coisas a aprender dos pobres justamente porque eles não correm o risco de fazer os mesmos erros que nós por causa de nosso grau de educação e de nosso conforto material. Mas a opressão e as privações que eles sofrem podem provocar neles outros malentendidos e idéias falsas. Somos todos condicionados por nosso lugar

nas estruturas injustas de nossa sociedade. Somos todos alienados por elas.

A verdadeira solidariedade começa quando não se trata mais de "nós" e "deles". Até agora, falei sempre em termos de "nós" e "deles", porque geralmente é assim que nós vivemos esta relação. Mesmo quando estamos no "romântico" e colocamos os pobres sobre um pedestal, nós nos separamos deles.

A verdadeira solidariedade começa quando reconhecemos juntos as vantagens e desvantagens de nossos diferentes meios sociais e das realidades atuais, e os papéis bem diferentes que deveremos, por conseguinte, desempenhar quando nos engajamos juntos na luta contra a opressão.

Este gênero de solidariedade deve entretanto estar a serviço de uma solidariedade muito mais fundamental: *a solidariedade entre os próprios pobres*. Aqueles que não são nem pobres nem oprimidos, mas que desejam servir os pobres e viver em solidariedade com eles o fazem muitas vezes de modo que divide os pobres entre si e os levanta uns contra os outros. Devemos achar um meio de participar da solidariedade que os pobres ou os oprimidos constroem entre eles. Antes de tudo, temos um inimigo comum: *o sistema e sua injustiça*.

Finalmente, nós nos encontraremos em Deus — qualquer que seja nossa proximidade dele. O sistema é nosso inimigo comum porque ele é, antes de tudo, inimigo de Deus.

Como cristãos, viveremos esta solidariedade entre nós como uma *solidariedade no Cristo, solidariedade com a causa do Cristo como a causa da justiça de Deus, que é de fato a causa dos pobres*. É precisamente reconhecendo a causa dos pobres como causa de Deus que podemos atravessar a crise de desilusão e de decepção diante dos pobres.

É um ideal muito elevado e seria ilusório crer que poderíamos atingi-lo sem uma longa luta pessoal que nos fará passar por diferentes etapas, atravessar as crises, noites escuras, provações e desafios. O importante é reconhecer que fazemos parte de um *processo*. Teremos sem-

pre que progredir. Devemos sempre permanecer abertos a novos desenvolvimentos. Não há atalhos.

Além disso, não somos os únicos a passar por aí. Alguns nos anteciparão e pode acontecer que tenhamos dificuldades em compreendê-los. Outros estarão apenas no início de sua caminhada em direção à maturidade neste domínio. Ser-nos-á preciso apreciar seu progresso, sua necessidade de brigar um pouco mais e crescer espiritualmente. Não há lugar aqui para acusações nem recriminações. O de que precisamos todos, é de encorajamento, ajuda e de compreensão mútua da maneira pela qual o Espírito trabalha em nós e através de nós. □

Risco de esterilidade

Bíblia — “Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, assim também vós, se não permanecerdes em mim”, Jo 15, 4.

Leitor — O segredo e a condição para o aprofundamento e a expansão tanto da vida cristã pessoal quando do apostolado e da pastoral é ser galho enxertado no tronco que é Jesus. É ter parte com Ele. Estar em comunhão com Ele. Permanecer nEle. Fora dEle é certo o risco da esterilidade, do fogo, da incineração.

Exclusivamente o coração

Bíblia — “Não vos torneis ocasião de escândalo”, 1 Cor 10, 32.

Leitor — A prudência é sempre necessária para se evitar problemas desnecessários. É indispensável ter critérios para agir. Boa intenção não resolve tudo. Vivemos em sociedade. No entanto, tudo será puro, se as intenções são puras e sinceras. O cristianismo repara exclusivamente o coração. Ser uma pessoa pura nas intenções, nos desejos, nos atos. Testemunhar perante um mundo tão imundo e corrompido (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR

CONVERGÊNCIA, ANO DE 1991

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1991. O primeiro algarismo representa o número da revista. E o segundo, indica a página.

Ir. Yolanda Nascimento, MJC

Rio de Janeiro, RJ

ALMEIDA, Dom Luciano Mendes de — A Igreja na AL frente aos desafios pastorais na Nova Evangelização no Terceiro Milênio — A serviço da Vida e da Esperança	245/412 244/321
ANTONIAZZI, Pe. Alberto — A caminho de Santo Domingo 1992: Velha Eclesiologia numa Nova Cultura?	239/12
ARAÚJO, Pe. Jurandyr Azevedo, SDB — 4º Congresso Missionário Latino-Americano (Comla-4) — (Informe da CRB)	243/262
ARIZMENDI ESQUIVEL, Pe. Felipe, SS.CC., Toluca, México — A problemática vocacional dos candidatos à Consagração Religiosa (Informe da CRB)	243/275
AVILA, Pe. Fernando Bastos de, S.J. — Centenário da Rerum Novarum	240/103
AZEVEDO, Pe. Marcello de C., S.J. — Interpelações à Vida Religiosa Apostólica e à Igreja na Europa a partir de uma perspectiva de Terceiro Mundo. Que coisa a Vida Religiosa do Terceiro Mundo pede à Vida Religiosa da Europa?	245/435
BAQUERO, Pe. Victoriano, S.J. — Autobiografia e os estilos Bíblicos	244/373
BARCIBONTE, Pe. Christian P. de — Seminário Nacional de Saúde (Informe da CRB)	246/451
BENEDETTI, Pe. Luiz Roberto — Movimentos populares: elementos para um juízo crítico	241/178

BISPOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE MOÇAMBIQUE — “Mo- mento Novo”: Carta Pastoral dos Bispos de Moçambique	245/422
BOFF, Ir. Lina, smr — Reflexão sobre a formação no juniorato	248/621
BRUNELLI, Ir. Delir, CF — A Mulher na Evangelização do Brasil	248/591
BONIATTI, Pe. Geraldo — Celebrando o Centenário da Rerum Nova- rum. Leonardo Murialdo e a Questão Operária: 1828-1990	243/314
BUSS, Pe. Nilo — O Sínodo sobre a formação presbiteral	242/195
CADORIN, Ir. Célia, IIC — Madre Paulina, encarnação da fé de uma colônia de imigrantes	246/491
CALIMAN, Pe. Cleto, SDB — O Concílio Vaticano II: 25 anos (Infor- me da CRB)	240/72
— Preparação para Santo Domingo/92 (Informe da CRB)	240/74
CASALDALIGA, Dom Pedro — América Central e as grandes causas (Informe da CRB)	245/397
CIGOÑA, Pe. J. Ramón de la, SJ — Espiritualidade e Discernimento ..	247/555
CIMI: CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO — Exigências da Nova Evangelização. Declaração de Ypacará (Informe da CRB)	241/135
CINTRA, Ir. Maria do Rosário L., FMA — A Vida Religiosa na Fronteira	246/470
CLAR — A solução da CLAR encaminhada (Informe da CRB)	244/334
CLAR. NERY, Ir. Israel José, FSC, ex-Vice-Presidente — CLAR: Algu- mas lições para a Igreja e a Vida Religiosa (Informe da CRB)	246/454
CLAR/PRESIDÊNCIA — Carta da nova Presidência da CLAR (Informe DA CRB)	246/453
CNBB/CRB. RIBEIRO, Ir. Elza, P. Gap — Ata da Reunião conjunta da Presidência da CNBB com a Diretoria e Assessoria Nacional da CRB (Informe da CRB)	239/4
CODINA, Pe. Victor, S.J. — Vida Religiosa e Evangelização da Amé- rica Latina	239/38
COMINA — Assembléia do COMINA. Moções apresentadas e aprova- das em plenário para 1991. (Informe da CRB)	243/259
CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS — O Do- cumento “Diálogo e Anúncio” em relação com a Encíclica “Re- demptoris Missio”	245/407
CRB — Encontro Nacional de Religiosas inseridas no mundo do tra- balho (Informe da CRB)	244/329
CRB. MACHADO, Ir. Maria de Lourdes, SCM — Seminário do GRI Nacional (Informe da CRB)	239/8
CRB. RIBEIRO, Ir. Elza, P. Gap — XVII Assembléia das Superiores Gerais das Congregações Brasileiras (Informe da CRB)	239/6

— Encontro Nacional sobre Juniorato (Informe da CRB)	241/132
— Pro Foco IV. Segunda etapa (Informe da CRB)	241/134
— Programa de Formação para Contemplativas. Pro Foco IV (Informe da CRB)	239/7
CRB/GRS NACIONAL. GREGORINE, Ir. Lia, CSC — Seminário Nacional de Saúde (Informe da CRB)	241/130
CRB/REGIONAL DE SALVADOR — Juniorato da Regional da CRB de Salvador faz repasse (Informe da CRB)	244/323
CRB/REGIONAL DE SÃO LUIS — Relatório do II Encontro de Religiosos Irmãos do Maranhão (Informe da CRB)	244/326
CRB/RS. EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA — A mulher consagrada e missão evangelizadora	241/189
CUNHA, Pe. Rogério I. de Almeida, SDB — Teologia do trabalho	240/113
DIAS, Pe. Arlindo Pereira, SVD — Um ensaio de presença solidária entre os sofrendores de rua	248/597
FREITAS, Ir. Maria Carmelita de, FI (Organiz.) — A Vida Religiosa na ótica do Documento "Elementos para uma reflexão pastoral em preparação da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano"	239/27
GAIO, Ir. Olímpia, IFAP — Vida Religiosa na Fronteira: A pastoral da mulher marginalizada	247/515
GONZÁLEZ-QUEVEDO, Pe. Luiz, S.J. — Orientações sobre a formação: um documento importante	242/210
GRIMPO. Irmã Luzinete — Encontro de Religiosos inseridos (GRIMPO) CONE SUL (Informe da CRB)	245/387
GUARESCHI, Pe. Pedrinho A., CSSR — Mundos culturais em mudança e Vida Religiosa	243/297
IRMÃS BRASILEIRAS NOS CAMARÕES — Relatório do 2º Encontro de Irmãs Brasileiras nos "Camarões" (Informe da CRB)	243/266
IVERN, Pe. Francisco, S.J. — Além da conjuntura: A missão profética da Igreja	244/353
JOÃO PAULO II — Mensagem do Papa sobre as vocações	240/66
— Às Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo	248/584
— Às Religiosas do Brasil	248/579
LENZ, Pe. Martinho, S.J. — Encíclica Social	246/510
LIBÂNIO, Pe. J. B., SJ — Movimentos eclesiais atuais e desafios da Nova Evangelização	248/604
LISBOA, Pe. Paulo, S.J. — Inácio de Loyola, fundador e inovador	246/499
MATTOS, Frei Luís Augusto de, OSA — Nova Evangelização e reprodução da vida	241/162

MASI, Pe. Nicolau, FX — Conflitos eclesiais e Vida Religiosa: um discernimento a partir da história da Igreja e da tradição profética	247/537
MEDEIROS, Ir. Manoracy Vitar, FMA., ROUSSIÈRE, Ir. Chantal de la — VR na "Fronteira": o mundo do trabalho. Depoimentos	242/238
MEER, Pe. Germano van der, SVD — Consagração, votos, missão....	247/565
MEJIA, Ir. Lucila e MANGOLIM, Olívio AMARANTE, Ir. Elizabeth A. Rondon, RSCJ; TREVISAN, Pe. Renato, MX — VR na "Fronteira": o universo indígena. Depoimentos	241/139
MELIA, Pe. Bartolomeu, S.J. — Irmão Vicente Cañas-Kiuxí	246/486
NASCIMENTO, Ir. Yolanda, MJC — Índice alfabético por Autor	248/636
NEUTZLING, Pe. Inácio, S.J. — A modernização brasileira e a exclusão social	242/226
NOLAN, Albert, OP — Serviço do pobre e espiritualidade	248/628
OCHOA, Pe. Gonçalo, SDB — Padre Rodolfo Lunkenbein, SDB: Uma vida pelos índios do Mato Grosso	244/338
QUIROGA, Mons. Luís Augusto Castro — A Vida Religiosa na Encíclica Missionária de João Paulo II	246/458
RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA: SECRETARIA PROVINCIAL — O rosto da Religiosa inserida no meio popular (Informe da CRB)	240/70
ROSSA, Pe. Leandro, SDB — Educação e Vida Religiosa: Perspectivas	243/281
SUSIN, Frei Luiz Carlos, OFMCap — Como irá Jesus para Santo Domingo?	240/83
VIGANO, Pe. Egidio, SDB — Redemptoris Missio	244/380

A recompensa não é proporcional

Bíblia — “Quem vos der um copo de água por serdes de Cristo, em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa”, Mc 9, 41.

Leitor — Jesus recompensa sempre gestos concretos de solidariedade. Fé abstrata, sem obras, é ateísmo prático. Amor de palavra, sem fatos, é abominável aos olhos de Deus. A recompensa não é proporcional à grandeza do gesto mas à profundidade do sentimento de querer partilhar e partir o que se tem e o que se é (Pe. Marcos de Lima, SDB).

ÚLTIMA PÁGINA

*Os justos dão fruto mesmo na velhice.
São cheios de seiva e verdejantes, Sl 92, 15.*

Pe. Marcos de Lima, SDB

— *É bom chegar à velhice?*

Sim. Deus abençoa, também, com a longevidade, dom que santifica quem o recebe e fonte de santificação para os outros. Há quem chega a uma idade avançada favorecido de particular energia física e psíquica. Continua em plena atividade. Há, também, quem vive a condição de ancião em serena laboriosidade. Tanto uns quanto outros enriquecem a comunidade com originais contribuições.

— *Como isto acontece?*

Pelo testemunho de uma vida que vai chegando ao seu ponto alto; pela sabedoria que dá a dimensão justa a cada etapa da vida, à luz da meta definitiva; pela memória do passado que revela a interdependência entre as gerações. O ancião é indispensável na comunidade de formação inicial. Sua riqueza, misteriosa e invisível, se manifesta na convivência: maturidade espiritual, disposição à amizade, gosto pela oração e a contemplação, o sentido não simulado da pobreza da vida e o abandono às mãos de Deus.

— *E quando o ancião tem saúde precária?*

É natural: a atividade se reduz. Cessa, mesmo, totalmente. Depende-se até dos outros. Torna-se, no entanto, pela oração, pelo sofrimento, pelo oferecimento da própria vida, fonte de graças e de bênçãos. A dor purifica quem a vive e faz renascer nos irmãos energias renovadas de partilha e serviço.

— *Como, então, a velhice não é estimada?*

É verdade: a velhice apresenta riscos. Ela não goza de boa fama pela queda do vigor físico, pelo risco da involução psicológica, pela separação das responsabilidades... pela idéia de que a vida conta pela capacidade produtiva, manual ou intelectual. Esta visão própria de nossa cultura produz uma depreciação das possibilidades próprias do ancião. Afastar da Vida Religiosa esta mentalidade e implantar esta outra: sublinhar plenamente as qualidades da ancianidade quando os anos ativos começam a diminuir.



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de dezembro de 1991

BOAS FESTAS DE NATAL

Quando Você se aproximar do presépio e se aproximar também daquele núcleo central onde está a substância de sua pessoa, **ajoelhe** e, para além da imanência da matéria dos símbolos que ali observa: o boi, o burro, o feno, a pedra escavada, a manjedoura, a estrela com seu rastro de fogo... Maria, a jovem mãe, cheia de graça, José, o carpinteiro, para além da imanência da matéria destes símbolos, **adore** a realidade da transcendência divina, **rezando**:

“CREIO em um só Senhor, JESUS CRISTO,
Filho Unigênito de Deus.
Por nós, homens, e para nossa salvação,
desceu dos céus.
E se ENCARNOU pelo Espírito Santo
no seio da Virgem Maria e SE FEZ HOMEM.”

Quando Você se aproximar do presépio e se aproximar também daquele núcleo central onde está a substância da pessoa humana, **ajoelhado** e, para além da imanência da matéria dos símbolos que ali observa, deixa o ouvido de seu coração, isto é, sua interioridade mais profunda, o dinamismo inconsciente que o domina, **deixa o ouvido de seu coração, ouvir**, entender e aceitar, com docilidade e acolhimento de amor, a mensagem do Anjo:

“Não tenhais medo!
Eis que vos anuncio uma grande ALEGRIA,
que será para todo o povo:
Nasceu-vos hoje um SALVADOR,
que é o Cristo Senhor” (Lc 2, 11).

NATAL! Jesus nasceu! BOAS FESTAS! Grande alegria. Nasceu HOJE. Luz de Deus feita carne. A promessa se realiza. Veio revelar os segredos do mundo divino e nos conduzir a Deus. **Feliz NATAL!** O mundo começou outra vez. Etapa diferente se inicia. Todo coração se abre para sentimentos mais nobres. Surgem perspectivas esperançosas de melhores dias. JESUS nasceu e proclama certezas definitivas. Ele é a concretização final da fidelidade que Deus demonstrou ao longo dos tempos. É a testemunha fiel até o fim, na cruz e com a morte, de que o amor de Deus está presente como dom de vida para todos.

FELIZ E PRÓSPERO 1992!

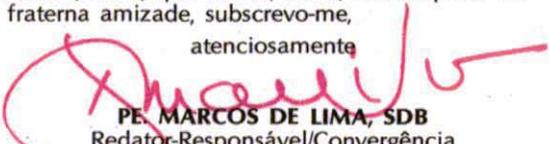
Eis um dom inestimável de Deus: **o tempo, o Ano Novo**. Reedição da espera e da esperança. Semente de sol que nasce e renasce pelos milênios afora. **Tempo quantitativo** que mede o movimento extensivo das coisas, do mundo e da vida. Paradoxo, leva sempre para a morte. Este tempo não existe. Rola inexorável. Só existe mesmo o passar do tempo como incessante abolição de si próprio. E **tempo qualitativo** também. A visita de Deus. Tempo divino. Deus nunca vem de mãos vazias. Sua visita não é inconsequente. Transforma, ressuscita, vivifica. Tempo da vida por excelência. Deus é vida sem termo inicial ou final.

BOAS FESTAS DE NATAL! FELIZ E PRÓSPERO 1992!

“Ele será chamado Emanuel: Deus conosco.” **Com JESUS**, todos os dias deste novo tempo, 1992, que se aproxima e é esperado com alegria e ansiedade e em estado permanente de expectativa. JESUS é o cerne, o centro, o núcleo, a medula, a referência, o mais forte. Quem ficar do lado dele vai vencer. Vai ter a paz. Ele é a nossa vitória e a nossa paz. Testemunhar e transmitir esta certeza que nos possui. Arrancar uma centelha do próprio fogo interior e com ela incendiar o mundo. Caminhar na rota do sol, nos caminhos de Deus.

DEUS, que é sempre **PAI**, lhe de aquela sua **PAZ** que é plenitude de bens (materiais), plenitude de bênçãos (espirituais) e plenitude de bem-estar (saúde) que só Ele, Deus, sabe e pode dar é Você tanto merece. Com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente


PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável/Convergência